

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL PARA A SAÚDE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E**  
**SAÚDE**



Edelson Rocha

**O olhar popular sobre a História:**

**O Messianismo de “Padinho” Cícero Romão Batista visto  
pelo Cordel, pela Internet, pela Historiografia e pelo  
Cinema.**

RIO DE JANEIRO  
2011

Edelson Rocha

**O olhar popular sobre a História:  
O Messianismo de “Padinho” Cícero Romão Batista visto  
pelo Cordel, pela Internet, pela Historiografia e pelo  
Cinema.**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Mídias na Educação do Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do Título de Especialista em Mídias na Educação.

Orientador: Prof. Dr João Luiz Leocadio da Nova

RIO DE JANEIRO  
2011

Rocha, Edelson.

O olhar popular sobre a história: o Messianismo de “Padinho” Cícero Romão Batista visto pelo Cordel, pela Internet, pela histografia e pelo cinema / Edelson Rocha.– Rio de Janeiro: Nutes, 2011.

85 f. : il. ; 31 cm.

Orientador: João Luiz Leocádio da Nova.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) -- UFRJ, Nutes, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde, 2011.

Referências bibliográficas: f. 62-63

1. História – estudo e ensino. 2. Messianismo. 3. Mídias na educação. 4. Cordel. 5. Cinema. 6. Tecnologia Educacional em Saúde - Tese. I. Nova, João Luiz Leocádio. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Nutes, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde. III. Título.

Edelson Rocha

**O OLHAR POPULAR SOBRE A HISTÓRIA: o messianismo de “Padinho” Cícero Romão Batista visto pelo cordel, pela internet, pela historiografia e pelo cinema.**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências e Saúde, Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do Título de Especialista em Mídias na Educação.

Aprovado em 31 de março de 2011

---

Prof. Dr. João Luiz Leocadio da Nova – UFRJ

---

Profa. Dra. Adriana Mabel Fresquet – UFRJ

---

Profa. Dra. Maria Cristina Ribeiro Cohen – UERJ

***Que os olhares populares  
sobre as várias histórias,  
sejam sempre vistos de forma  
a acrescentar aos demais  
conhecimentos históricos.***

Dedico esse trabalho em especial à minha família (esposa e filhos),  
que soube ter paciência quanto às minhas ausências,  
quase sempre dedicadas às pesquisas, às leituras e  
à companhia do computador.

Ao professor João Leocadio, sempre paciente e prestativo.

Edelson Rocha

## RESUMO

ROCHA, Edelson. **O olhar popular sobre a História: O Messianismo de “Padinho” Cícero Romão Batista visto pelo Cordel, pela Internet, pela Historiografia e pelo Cinema.** Rio de Janeiro, 2011. Monografia (Especialização em Mídias na Educação) - Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

O estudo de caso abordado por essa monografia procura analisar o movimento social liderado pelo Padre Cícero Romão Batista, ocorrido na Primeira República no Brasil, período da História também conhecido como República Velha (1889 – 1930). Procuo empregar os recursos de mídia como o cinema, a internet e a mídia impressa, incluída, aí, a historiografia brasileira e a literatura de Cordel, para comparar os “olhares” sobre o Messianismo de Padre Cícero. Este movimento também foi considerado um dos maiores Movimentos Sociais Rurais que marcaram as primeiras décadas da história republicana do país.

Palavras chave: Mídias – Cinema – Messianismo – Cordel

## ABSTRACT

ROCHA, Edelson. **The popular look on the History: The Messianism of "Padinho" Cicero Romão Batista seen by Twine Literature, over the Internet by the Historiography and Film.** Rio de Janeiro, 2011. Monografia (Especialização em Mídias na Educação) - Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

The case study approached in this monograph aimed to analyze the social movement led by Priest Cícero Romão Batista, that occurred in the First Republic of Brazil, a period of History also called "The Old Republic" (1889-1930). As a procedure, media resources such as cinema, the Internet and print media, as well as Brazilian historiography and Twine Literature have been compared as a means of illustrating different points of view upon Priest Cícero's messianism. That movement was also considered one of the greatest rural social movement that marked the first decades in the Brazilian republic history.

Keywords: Medias – Film/Cinema – Messianism – Twine Literature

## LISTA DE ANEXOS

1. Anexo 1: Algumas atividades desenvolvidas no Projeto “História em Foco”.
2. Anexo 2: Questionário sócio-econômico e cultural.
3. Anexo 3: Textos auxiliares ao desenvolvimento da atividade proposta.
4. Anexo 4: Questões respondidas pelos alunos sobre os assuntos abordados.
5. Anexo 5: Tabelas dos resultados obtidos no questionário sócio-econômico e Cultural:
  - Anexo 5.1: Perfil sócio econômico dos alunos.
  - Anexo 5.2: Alunos que possuem computador ou *laptop/notebook*.
  - Anexo 5.3: Periodicidade de utilização do computador.
  - Anexo 5.4: Tempo diário de utilização do computador.
  - Anexo 5.5: Periodicidade de idas ao cinema.
  - Anexo 5.6: Periodicidade de idas ao teatro.
6. Anexo 6: Rendimento e notas alcançadas pelos alunos no Questionário proposto sobre a atividade.
7. Anexo 7: Ficha técnica do filme Visão de Juazeiro.



## **Lista dos Gráficos**

1. Gráfico 1: Renda familiar dos alunos.
2. Gráfico 2: Periodicidade de utilização do computador.
3. Gráfico 3: Tempo diário de utilização do computador.
4. Gráfico 4: Periodicidade de idas ao cinema.
5. Gráfico 5: Periodicidade de idas ao teatro.
6. Gráfico 6: Rendimento/Notas dos alunos nas questões propostas.

## SUMÁRIO

Apresentação.....	09
1. Introdução .....	17
2. O Problema.....	23
3. Fundamentação Teórica/ Revisão de Literatura	
3.1. Mídia Impressa e internet	
3.1.1. Historiografia brasileira escolar.....	25
3.1.2. O Cordel, fonte histórica da expressão popular.....	37
3.2. História e Cinema.....	40
4. Metodologia da pesquisa.....	45
5. Levantamento e análise dos dados:	
5.1. Perfil sócio-econômico e cultural dos alunos.....	47
5.2. Análise das questões respondidas pelos alunos.....	53
6. Conclusões.....	57
7. Bibliografia.....	62
8. Anexos.....	64

## **Apresentação**

Visando introduzir o cinema como auxiliar em minhas aulas de história e, também, utilizá-lo como uma importante fonte documental para o estudo da História, venho desenvolvendo desde o ano de 2005, junto aos meus alunos das turmas do Ensino Médio dos Colégios Bahiense (Unidade Freguesia), *Notre Dame* (Unidade Ipanema) e do Colégio Pedro II (Unidade Engenho Novo), o Projeto “História em Foco”, que busca trabalhar o cinema como um dos objetos de estudo da História. Apesar de ter traçado como objetivo pedagógico, logo no início da implementação do projeto, a utilização do cinema como uma ferramenta auxiliar e ilustrativa de determinados assuntos abordados nas aulas, minhas perspectivas pedagógicas e históricas foram se ampliando, demandando a busca de um embasamento teórico-metodológico que permitisse a inclusão do projeto nos planejamentos anuais das séries e turmas que iria ministrar aulas.

Numa primeira fase de aplicação do projeto, restringia-me a elaborar um roteiro sobre os assuntos que o filme a ser trabalhado iria abordar, acompanhado de um breve contexto histórico resultante da exposição e leitura de textos sobre os temas abordados nas aulas. Buscando ter o cuidado com o tempo que essa atividade demanda em sua aplicação, procurando evitar atrapalhar o andamento do planejamento anual, procurei incluir cada atividade em cada um dos bimestres ou trimestres letivos (o Colégio Pedro II organiza seu ano letivo em três trimestres). Concluída a exibição do filme ou documentário indicado, tarefa que nos ocupa, pelo menos, três tempos semanais de aulas, procuro promover um debate e, logo após, em duplas ou individualmente, os alunos elaboram uma resenha crítica ou outra modalidade de avaliação como atividade complementar em cada bimestre ou trimestre corrente.

Seguindo as preocupações presentes na análise de Fresquet (2008), em que aborda as dificuldades de se exibir por completo um filme na escola, seja pela sua duração, seja pela necessidade de se promover um debate após a exibição, tento tomar o maior cuidado possível com os tempos de aula que serão disponibilizados para a realização da atividade. Inserir regularmente as projeções filmicas no planejamento anual tem conseguido minimizar os possíveis problemas que se deve ter quanto às aulas destinadas à aplicação do projeto “História em Foco”. Apesar do número de aulas que é destinado à aplicação dessa atividade, segundo alguns

críticos, *comprometer o bom andamento do planejamento* (grifo meu), os alunos sentem-se bastante atraídos e participam ativamente na execução das tarefas demandadas pelo projeto. Assim que são concluídas as etapas da atividade proposta, é corrente ouvir comentários positivos dos alunos. A julgar por essa breve constatação positiva do projeto “História em Foco”, posso considerar, além da boa receptividade do projeto perante os alunos, o quanto é possível levar ao conhecimento dos mesmos uma variedade de filmes de qualidade que passam em nossos cinemas e canais de televisão (sejam esses canais abertos ou à cabo) que, geralmente, passam despercebidos, ratificado pelo fato de uma maior divulgação dos filmes de apelo comercial.

Apesar dos possíveis limites que as imagens cinematográficas possam apresentar-se como objetos de análise, é possível utilizá-las como informações complementares aos estudos históricos, fazendo dessas imagens fontes de informação importantes para a realização do estudo de uma determinada época e contexto histórico. Essa é minha linha de desenvolvimento da pesquisa, quer seja, fazer do filme **Visão de Juazeiro**, de Eduardo Scorel, um suporte investigativo sobre o comportamento dos romeiros de “Padinho Ciço”, suas manifestações de adoração ao “Santo Padre”, bem como o descortinar de um povo sofrido e miserável do sertão nordestino.

A possibilidade de dialogar com as imagens do filme e com o conhecimento sobre o messianismo praticado por Padre Cícero, fundamenta a lógica da pesquisa proposta. Vale destacar que tem sido uma prática comum entre educadores utilizarem-se dos recursos imagéticos apresentados pelo cinema em suas práticas pedagógicas.

Quando pegamos algumas experiências bem sucedidas de utilização do cinema, como um importante recurso auxiliar ao ensino da história e das ciências sociais, muito nos anima a enveredarmos por esse novo caminhar de nossas práticas pedagógicas. As experiências de Alain Bergala e Núria Feldman, na França e na Espanha, respectivamente, utilizando-se do cinema como práticas pedagógicas, são bastante enriquecedoras, e servem como estímulos e uma prova viva da viabilidade da utilização desses recursos imagéticos nas salas de aula.

Analisado por Fresquet (2008), o projeto *La Cinéma Le France*, organizado por Alain Bergala, e o projeto *Cinema em Curs*, de Núria Aideman Feldman, na

Espanha, são exemplos concretos da possibilidade de se fazer do cinema um instrumental fundamental no processo educativo.

A experiência francesa consiste num programa educativo em que o cinema é levado a todos os níveis de ensino, seja instalando diversificadas DVDtecas nas escolas, seja levando os alunos às salas comerciais de cinema. No caso espanhol, optou-se pela introdução de diversas oficinas em todos os níveis de ensino. Ao partirmos desses exemplos, observamos como o cinema tem assumido uma grande importância pedagógica nos ensinamentos básicos das escolas desses dois países europeus. Segundo a proposta do projeto *Le Cinéma le France*, vários objetivos podem ser destacados como fundamentais para que se obtenham bons resultados, destacando: levar o jovem estudante, ainda na infância, a manter contato com o cinema de qualidade, pois essa prática, observado por Fresquet (2008: 5) despertará na criança o “adulto espectador, professor e artista”; outro objetivo do projeto é aferir que a introdução do cinema nas escolas, se constitua num desafio à criatividade e ao fazer políticas nelas, levando o cinema a entrar na escola como “um outro”, um estrangeiro pela sua natureza, pelos seus instrumentos, pelos seus mediadores. Fresquet (2008: 5-6), analisando as experiências de Bergala, destaca ainda que “o melhor objetivo que a escola pode propor hoje é se aproximar dos filmes como obras de arte e de cultura”, pois, assim, “o professor e o artista na escola podem ajudar os alunos a se tornarem espectadores criativos do cinema e também realizadores”. A proposta concreta do projeto *Le Cinéma le France*, consiste em organizar saídas às salas de cinema que ofereçam filmes difíceis de alugar ou adquirir, idas a festivais, mostras, etc, e, paralelamente, providenciar dentro do espaço escolar, uma diversificada DVDteca que permita viajar através dos tempos, dos países, dos estilos, escolas e teorias do cinema.

Como destaquei anteriormente, a experiência do fazer cinema na escola e poder partilhar com todos os grupos envolvidos no projeto constitui, de fato, uma experiência de aprendizagem ímpar, mas se desvirtua quando fica condicionada de forma restrita a um calendário escolar ou a motivos externos ao fazer pedagógico.

O projeto *Cinema em Curs*, de Núria Aideman Feldman, que vem sendo implementado nas escolas espanholas, segundo análises e observações feitas por Fresquet (2008) objetiva utilizar-se da criação cinematográfica como papel fundamental no processo de formação e desenvolvimento dos jovens estudantes. O projeto compreende a criação de oficinas extensivas a todos os níveis de ensino,

abrangendo as diversas realidades sociais, cuja meta é criar uma pedagogia com e através do cinema. Profissionais especializados nas várias fases da produção cinematográfica (câmera, iluminação, som) são levados a manterem contatos frequentes com os alunos, permitindo a esses tomarem decisões quanto às áreas que, por ventura, queiram atuar. O objetivo a ser alcançado é incutir valores que são inerentes à produção da arte cinematográfica, incluindo, aí, todas as suas etapas. Em cada uma das etapas desenvolvidas, preza-se bastante o trabalho solidário e em equipes. A busca do fazer cinema deve ser constante, pois “Fazer cinema quer dizer reinventá-lo em cada circunstância, para cada plano” (Feldman & Aparicio, 2007, p. 4).

O grande desafio, caso queiramos criar ou mesmo adaptar à realidade educacional brasileira, algum projeto pedagógico que se utilize do cinema, como nos alerta o trabalho de Fresquet (2008), será o de quebrar a rígida estrutura de nosso sistema de ensino, que pouco pratica o partilhamento dos saberes, ou seja, teremos que democratizar um pouco mais nosso sistema educacional. A experiência do projeto aplicado na Espanha parte do princípio que educadores e educandos devem partilhar de todas as etapas do processo: desde a escolha de um espaço, a observação da luz, até a realização de um plano a ser filmado. É visando atingir esses objetivos que as oficinas do *Cinema em Curs* são planejadas para que funcionem dentro do horário escolar, englobando diversas disciplinas. Suas oficinas funcionam regularmente, usando, pelo menos, dois tempos contínuos, o que significa aproximadamente duas horas consecutivas de aulas. Caso se esteja na etapa de filmagens, as oficinas podem se estender por todo o dia. Concluindo suas observações sobre as experiências de Bergala e Feldman, Fresquet afirma que:

“(...) fazer cinema leva implícita a possibilidade benjaminiana de ver o cinema pelo avesso, descobrir suas outras faces e não necessariamente um sabor de algo estragado. O sabor do fazer tem gosto de esforço, de desafio e trabalho. Esse gostinho parece agradável ao paladar de professores e alunos que partilham a paixão pela aprendizagem da arte cinematográfica. Ainda mais quando ela acontece em contexto de escolas públicas de um país grande e heterogêneo como o nosso Brasil, onde se faz tão necessário dar voz e visibilidade às crianças e aos jovens por si. Fazer cinema na escola quer dizer deixar de falar, escrever ou filmar por eles ou em nome deles. Constitui um ato político de legitimação dos seus direitos.” (Fresquet, 2008: 15)

Apesar das experiências francesas e espanholas, descritas resumidamente, apresentarem-se em cenários culturais mais favoráveis e bem diferentes dos nossos

aqui no Brasil, e resguardadas todas as limitações que nosso sistema de ensino apresenta, destacando as longas jornadas de trabalho que o magistério nos impõe, tenho colhido bons frutos ao longo desses quase seis anos de desenvolvimento do projeto “História em Foco”. Desde o início do desenvolvimento do projeto, não menos que 30 filmes foram utilizados como estímulo à reflexão e contextualização em minhas aulas.

Partindo das observações e estudos feitos por Frequent (2008) acerca das experiências dos projetos de Alain Bergala na França e de Núria Aidelman Feldman na Espanha, e resguardadas todas as limitações que nosso sistema de ensino nos apresenta, penso ser possível sistematizar um pouco mais o projeto “História em Foco”, embasando-o um pouco mais teoricamente e propondo estender sua aplicação para outros professores e segmentos da educação nas escolas em que leciono. A troca de experiência com outros professores possibilitará que se façam possíveis correções de percurso, tão necessárias, nesse caso, para a efetiva utilização do cinema nos planejamentos de minhas aulas de história.

Variando, de filmes clássicos ou modernos, passando por documentários e até desenhos, o projeto tem possibilitado diversificar e enriquecer as aulas, permitindo desenvolver um encontro entre História e Cinema, objeto de análise de alguns historiadores que buscam fundamentar, teoricamente, a possibilidade real de se desenvolver essa área de pesquisa. Essa área de atuação pedagógica, em especial no Ensino Básico, ainda possui um enorme caminho a ser trilhado.

Cito abaixo alguns títulos de filmes e documentários já trabalhados pelo projeto “História em Foco”:

- **Jango.** 1984. Brasil. Colorido. 117 min. Direção de Sílvio Tendler.
- **Corações e mentes.** 1984. Inglês. Colorido. 111 min. Direção de Peter Davis.
- **Arquitetura da destruição.** Suécia. 1992. Colorido. 121 min. Direção de Peter Cohen.
- **Central do Brasil.** 1998. Brasil. Colorido. 112 min. Direção de Walter Salles.
- **Dança com lobos.** 1990. EUA. Colorido. 180 min. Direção de Kevin Costner.
- **Xica da Silva.** 1976. Brasil. Colorido. 117 min. Direção de Carlos Diegues.
- **Terra e liberdade.** 1986. ITA/ESP/INGL/ALEM. Colorido. 109 min. Direção de Ken Loach.

- **Tempos Modernos.** 1936. EUA. Preto e branco. 87 min. Direção de Charles Chaplin.
- **Palestine, a história de uma terra.** 1993. França. Preto e branco. 115 min. Direção de Simone Bitton;
- **Quilombo.** 1984. BRA/FRAN. Colorido. 119 min. Direção de Cacá Diegues.
- **Meninos do Brasil.** 1978. EUA. Colorido. 118 min. Direção de Franklyn J. Schafener.
- **Olga.** 2004. Brasil. Colorido. 140 min. Direção de Jayme Monjardim.
- **Carlota Joaquina.** 1995. Brasil. Colorido. 100 min. Direção de Carla Camurati.
- **Mauá, o Imperador e o rei.** 1999. Brasil. Colorido. 134 min. Direção de Sérgio Resende.
- **O Nome da Rosa.** 1986. ALEM/FRAN/ITA. Colorido. 130 min. Direção de Jean Jacques Annaud.
- **Treze dias que abalaram o mundo.** 2000. EUA. Colorido. 145 min. Direção de Roger Donaldson.
- **Platoon.** 1986. EUA. Colorido. 120 min. Direção de Oliver Stone.
- **Hair.** 1979. EUA. Colorido. 112 min. Direção de Milos Forman.
- **Os gritos do silêncio.** 1984. Reino Unido. Colorido. 142 min. Direção de David Puttnam.
- **A Missão.** Inglaterra. 1986. Colorido. 121 min. Direção de Roland Joffé.
- **Boa noite e boa sorte.** 2005. EUA. Preto e branco. 93 min. Direção de George Clooney.
- **A Queda.** 2004. ALE/ITA. Colorido. 156 min. Direção de Oliver Hirschbiegel.
- **Agonia e êxtase.** 1965. EUA. Colorido. 138 m in. Direção de Carol Reed.
- **Lutero.** 2003. Alemanha. Colorido. 121 min. Direção de Eric Till.
- **O último imperador.** CHI/INGL/ITA. 1987. Colorido. 165 min. Direção de Bernardo Bertolucci.
- **A lista de Schindler.** 1993. EUA. Colorido. 195 min. Direção de Steven Spielberg.
- **Filhos da guerra.** 1990. ALE/FRAN/POL. Colorido. 107 min. Direção de Agnieszka Holland.
- **Promessas de um novo mundo.** 2001. EUA/ISR/PAL. Colorido. 116 min. Direção de Justine Shapiro e B.Z. Goldberg.



- **Fahrenheit.** 2004. EUA. Colorido. 116 min. Direção de Michel Moore.
- **A onda.** 2008. Alemanha. Colorido. 102 min. Direção de Dennis Gansel.
- **1492, A Conquista do Paraíso.** 1992. ESP/FRAN/INGL. Colorido. 150 min. Direção de Ridley Scott.
- **O Baile Perfumado.** 1996. Brasil. Colorido. 93 min. Direção de Paulo Caldas e Lírio Ferreira.

Para conhecer algumas das atividades desenvolvidas como suporte das análises dos contextos históricos propostos pelos filmes exibidos no Projeto História em Foco, ver anexo 1.

Desde os primeiros momentos em que decidi por desenvolver a atividade junto aos alunos, a idéia era trabalhar, pelo menos, com três realidades escolares diferentes, porém ambas envolvendo apenas turmas do Ensino Médio. As escolas escolhidas são escolas em que trabalho, dividindo a disciplina de História com outros professores, que seriam os responsáveis pela aplicação da atividade: seriam duas escolas de ensino privado (Colégio *Notre Dame*, unidade Ipanema, e Colégio Bahiense, unidade Freguesia, em Jacarepaguá) e uma escola da rede pública federal (Colégio Pedro II, unidade Engenho Novo II).

O objetivo ao selecionar alunos do Ensino Médio, num primeiro momento, foi o de desenvolver o tema proposto pela pesquisa que, ao mesmo tempo, estivesse contemplado nos planejamentos anuais das turmas e série selecionadas (ao todo seis turmas da terceira série). Pretendia, com isso, não prejudicar o andamento regular das aulas ministradas.

Ao optar por trabalhar com turmas de duas escolas privadas e uma pública, bem como de comunidades escolares localizadas em bairros e regiões diferentes (Zonas Sul, Norte e Oeste da cidade do Rio de Janeiro), pretendia alcançar, através de métodos comparativos, resultados mais abrangentes e, portanto, mais consistentes, permitindo dialogar com universos variados. O objetivo era trabalhar com alunos oriundos de classes sociais distintas e, portanto, convivendo em ambientes culturais distintos, incluindo uma maior ou menor facilidade de acesso aos locais que ofereçam atividades culturais variadas (cinemas, teatros, museus, bibliotecas, entre outras atividades), bem como de acesso às modalidades de mídia propostas pela atividade (filme, cordel, internet e historiografia clássica). Com um universo de dados coletados mais amplos, com certeza, a pesquisa teria mais consistência, resultando num trabalho mais rico e mais abrangente.

Diante do quadro então descrito, deve-se levar em consideração, também, a disponibilidade dos professores que se prontificariam a contribuir e a participar da atividade.

O fato do desenvolvimento da atividade junto aos alunos, só ter ocorrido no momento em que as escolas selecionadas já caminhavam para o término do ano letivo, mais precisamente, no decorrer do mês de novembro (esse é o período em que a quase totalidade das escolas de Ensino Básico conclui suas provas e realizam seus Conselhos de Classe), limitou bastante o campo da pesquisa inicialmente proposto.

Outro agravante foi o fato das seis turmas previamente selecionadas, todas da terceira série do Ensino Médio, estarem com seus alunos envolvidos diretamente nos exames vestibulares. Aliás, desde o mês de maio, quando ocorre o primeiro desses exames (nesse caso a Prova de Qualificação para a UERJ), até o final do mês de dezembro, quando se realizam as fases finais e específicas dos vários vestibulares, não esquecendo os inúmeros e novos desafios e problemas apresentados pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a quase totalidade dos alunos da fase conclusiva do Ensino Médio está envolvida de corpo e alma nessa realidade.

Preparado todo o material impresso, reservadas as salas multimídias em cada uma das escolas selecionadas, partiria para a aplicação da atividade.

Os problemas não tardaram a aparecer.

O desenvolvimento da atividade só foi possível contando com uma enorme boa vontade dos alunos, das coordenações (de segmento e de série), da direção da unidade e, especialmente, do colega professor que aplicaria a atividade junto aos alunos, haja vista a proximidade do encerramento do ano letivo de 2010. Sendo assim, o universo escolar da pesquisa estaria limitado apenas ao Colégio Bahiense, localizado no Bairro da Freguesia, em Jacarepaguá.

Os jovens estudantes que participaram da atividade possuem fácil acesso às várias formas de informação e lazer que o espaço urbano lhes oferece. Essa realidade, no entanto, não ofuscou suas curiosidades em entender, não apenas, como o fenômeno social liderado por Padre Cícero ocorreu no sertão nordestino nas primeiras décadas do século XX, mas, também, o fato de um líder religioso ter conseguido arrebanhar multidões em torno de suas pregações, não apenas àquela época, mas como esse fenômeno ainda se manifesta na atualidade brasileira.

## 1. Introdução

### **As manifestações culturais: O Teatro de Mamulengo e o Cordel**

Apresentado como outro integrante da cultura popular nordestina, enriquecendo um pouco mais a visão teatral sobre o misticismo que gira entorno de Padre Cícero, pode-se citar, também, a riqueza da produção do Teatro de Mamulengo. A arte de representar por meio do teatro de bonecos, assim como a literatura de livretos ou de cordel, também é reconhecida mundialmente, sendo presença obrigatória também nas sociedades das civilizações clássicas, bem como nas feiras medievais que tanto dinamizaram a cultura e o comércio europeu, numa época em que a medievalidade cedia lugar à modernidade ocidental europeia.

Aqui no Brasil, os tradicionais bonecos de mamulengo chegaram com os primeiros colonizadores portugueses. Mesclando-se com a cultura africana, indígena e portuguesa, os bonecos de mamulengo, segundo seus estudiosos, receberam várias denominações (Presépio de Fala, Bonifrates, Briguela, Engonços, João Minhoca, Cassimiro Coco, João Redondo, Calunga, Babau), até ficarem popularmente conhecidos como o são hoje. Para alguns estudiosos sobre o assunto no Brasil, as primeiras manifestações de teatro de bonecos teriam ocorrido ainda no decorrer do século XVIII. Esse teatro de bonecos costumava ser representado em vários espaços sociais, desde os salões da realeza até as feiras e casas mais pobres, na casa grande e nas senzalas. Os bonecos são feitos geralmente de madeira e tecido, de feições simples e movimentos engraçados, sempre lembrando algum personagem popular, seja ele um político, um religioso, um aventureiro, um patrão, um empregado, sejam eles alguns bichos naturais e até criações do outro mundo. Seu cenário de apresentação ou palco pode ser feito com qualquer tecido onde o mamulengueiro se esconda atrás e os bonecos possam subir para brincar. Assim como acontece com a literatura de cordel, destaca-se como característica marcante do mamulengo, o improviso e a comunicação direta com o público, interagindo diretamente o autor-criador e seu público espectador, o que garante a capacidade de uma permanente renovação do brinquedo tradicional na estrutura e renovador nos conteúdos.

Em artigo publicado num diário popular nordestino, intitulado “Mamulengo: O teatro de bonecos brasileiros”, os pesquisadores da cultura mamulenga Chico

Simões e Alípio Carvalho Neto falam do cenário típico em Juazeiro do Norte, onde se monta o palco para mais uma apresentação do teatro de mamulengos. Eles conseguiram reproduzir como os milhares de romeiros se deslocam rumo à “terra santa” de Juazeiro do Norte, no estado do Ceará. É nesse ambiente que profetas anunciam o fim do mundo. Desprezado pelo Vaticano, o Padre Cícero, segundo a cultura popular, fora canonizado pelo próprio povo, que ainda hoje o venera como santo milagreiro. É comum ver os penitentes atropelando-se em peregrinação ao horto onde repousam seus restos mortais. Movidos pela fé, trazem ex-votos. Em algumas cenas do filme **Visão de Juazeiro** (de Eduardo Scorel, Brasil, 1969), podemos observar vários objetos levados pelos romeiros, tais como: cabeças, troncos e membros feitos de cera, muletas, fotografias de enfermos, mechas de cabelo, velas, fitas, flores de plástico e verdadeiras, enchendo igrejas e salões sempre abarrotados de penitentes que deixam seus votos e sobem o horto para pagar a promessa. É rotineiro ver pessoas do povo carregando pedras na cabeça, amarrando-se em cordas apertadas com nós, açoitando-se em auto-flagelo, subindo ao calvário sertanejo ladeados por imagens que representam a via crucis do Cristo, chegando ao topo da serra numa mistura de êxtase e cansaço, junto à estátua do Padre Cícero com mais de vinte metros de altura.

Esse é o cenário em que se arma frequentemente a barraca de brincar de mamulengos na cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, terra de “Padinho Ciço”. Em Juazeiro do Norte, conhecida como a “Jerusalém sertaneja”, o letrado conhecimento vigente da cultura popular brasileira revela-se um “pré-conceito”, um “pré-juízo”. Com toda a parafernália que a apresentação mamulenga exige: com seu palco de madeira revestido de tecido de chita florida, precariamente iluminado, prepara-se a brincadeira, reunindo homens, mulheres e crianças, todos cidadãos comuns, de todas as faixas de idade, para venerarem, sob a forma teatralizada, o misticismo do Padre Cícero Romão Batista, como bem retrata trechos do cordel de Arievaldo Viana:

“Eu vou narrar a história  
De um grande brasileiro  
Um cearense de fibra  
Com fama de milagreiro

Patriarca do sertão  
Padre Cícero Romão  
O santo de Juazeiro.

(...)

É o pastor do romeiro  
Nesse sertão nordestino  
Conduzir as multidões  
Na terra foi seu destino  
Sempre mostrou vocação  
Já gostava de oração  
No seu tempo de menino.

(...)

Com grande facilidade  
Atraía as multidões  
Que vinham diariamente  
Dos mais longínquos rincões  
Alguns traziam presentes  
Outros traziam doentes  
Para escutar seus sermões.

(...)

Embora não seja santo  
Perante a Cúria Romana,  
O povo diz que ele é,  
E seu poder inda emana.  
Pois não é ditado novo:  
Dizem que a voz do povo  
É de Deus e não se engana.

(...)

Romeiros chegam a pé  
De carro ou de avião  
No túmulo do Padre Cícero  
Fazem a sua oração  
Visitam seu monumento

Pedindo a todo momento  
Sua bênção e proteção.”

Também na cidade de “Padinho Ciço”, desde o ano de 2002, a família de atores populares Gomide, conhecida nacionalmente por suas apresentações em praças, feiras, ruas, teatros e festivais, trilha um caminho de fé, acreditando na vida e na arte como meio capaz de tocar profundamente os corações de homens, mulheres e crianças. Em seu *site*, a **Cia Carroça de Mamulengos** apresenta-se como uma família de atores populares que, após viver de forma itinerante por 29 anos, decide morar em Juazeiro do Norte, com a missão de fortalecer as diversas manifestações tradicionais que vinham se extinguindo na região. Através do convívio com os mestres da cultura e guiados pelas palavras dos “mestres da vida” como Padre Cícero que disse que “cada romeiro deve plantar uma árvore até que o todo nordeste volte a ser uma floresta”, Padre Ibiapina “Nada Faltará” e o profeta Gentileza que pregou “gentileza gera gentileza”, a **Cia Carroça de Mamulengos** criou a União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus, um movimento de vida e arte. O trabalho do “Carroça”, como é popularmente conhecida a Cia de Mamulengos, segundo seu *site*, é acreditar que “(...) para a cultura de um povo florescer é necessário que as pessoas que a pratiquem possuam fartura de corpo e alma”. Partindo dessas constatações, pode-se concluir que a União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus, almeja contribuir na construção de um país que seja verdadeiramente “Mãe gentil de todos os seus filhos”.

Em sua sede na cidade de Padre Cícero, centenas de jovens e crianças encontraram a possibilidade de praticar a dança, o canto, a música, o desenho, os bordados, o plantio e a leitura. Sua estrutura interna comporta hoje os seguintes grupos: o Reisado Mirim Menino Deus, a Banda Cabaçal Beata Maria de Araújo, os Bacamarteiros e Maneiro Pau José Lourenço. Alguns desses grupos costumam apresentar-se em temporadas por várias cidades brasileiras. Além desses tradicionais grupos de folguedos, a União mantém a cooperativa “Bordadeiras da Mãe de Deus” e um amplo viveiro de mudas de flores e frutos cultivadas para distribuição gratuita nas romarias e arborização de praças e ruas da cidade.

Cultura e fé na cidade de Juazeiro do Norte parecem caminhar juntas desde muito tempo, alimentadas que são pela visitação anual de milhões de romeiros ao santuário de Padre Cícero Romão Batista.

Considerado como Santo Protetor dos nordestinos, o Padre Cícero ainda consegue mobilizar milhares de romeiros que se dirigem à cidade de Juazeiro do Norte, no estado do Ceará. Apesar da Igreja Católica não reconhecer seus milagres e, conseqüentemente, sua santidade, sua imagem, eternizada pela construção de uma imensa estátua na cidade, continua a ser visitada anualmente por milhares de devotos. Esse fenômeno social, retratado por inúmeros filmes, cordéis e pela historiografia brasileira, continua movimentando um lucrativo comércio entorno da movimentação de seus seguidores e devotos que se dirigem à cidade em busca de milagres e resolução de seus inúmeros problemas.

É com o objetivo de analisar o fenômeno do Messianismo praticado pelo Padre Cícero Romão Batista, fenômeno esse que possui uma forte característica popular, que utilizarei como recursos midiáticos e, ao mesmo tempo, como fontes de pesquisa histórica, a Literatura de Cordel, o cinema, a internet, textos e livros acadêmicos, didáticos e paradidáticos nas áreas das ciências sociais e da história.

Essa monografia, considerando-se as novas demandas educacionais em que as novas TICs aparecem como desafios, e a necessidade da escola atualizar-se quanto a aplicação das mesmas no processo de ensino-aprendizagem, busca analisar algumas das modalidades de apreensão do tema proposto.

Tendo como ponto de partida o “olhar” de nossa Literatura de Cordel sobre o messianismo praticado pelo Padre Cícero Romão Batista, pode-se constatar que essa modalidade de mídia impressa, também considerada uma importante fonte de expressão popular é, também, uma fonte de pesquisa histórica, pois representa uma das interpretações populares típicas da população sertaneja nordestina sobre esse fenômeno social liderado pelo “Padinho Ciço”. Essa interpretação permite analisar o quanto esse fenômeno social e político que surgiu nos primórdios da fase republicana da história do Brasil, ainda se manifesta nos dias atuais, haja vista a enorme mobilização de sertanejos que se dirigem à cidade de Juazeiro do Norte, muito bem retratada pelo filme **Visão de Juazeiro**, de Eduardo Scorel, outro recurso midiático utilizado na elaboração dessa monografia.

Ao comparar os “olhares” sobre a construção da “santidade” de Padre Cícero, partindo das interpretações da Literatura de Cordel, acrescido de abordagens feitas por, pelo menos um filme, dentre os vários filmes nacionais sobre o tema, poderei, partindo de pesquisas acadêmicas nas áreas das ciências sociais e da história, contribuir para uma maior compreensão sobre a temática abordada. A

representação da santidade do Padre Cícero, expressa em milhares de livretos de cordel, permitirá o encontro proposto por esse trabalho: esse “olhar histórico-popular” representado nos cordéis com o “olhar” do cinema que, em alguns casos, pauta-se em interpretações acadêmicas ou documentais que retratam o cotidiano dessa população sertaneja seguidora do “Santo Padre”.

Ratificando, essas serão as mídias a serem utilizadas como objetos de estudo: a impressa, representada, nesse caso, pela Literatura de Cordel e por livros de nossa historiografia brasileira e para-didáticos, a internet, onde se encontram indicados vários sites sobre Literatura de Cordel e o cinema, utilizando o filme **Visão de Juazeiro**, de Eduardo Scorel. O objetivo principal do projeto proposto é viabilizar a integração das mídias descritas no estudo de caso de uma manifestação social típica da sociedade brasileira ainda na contemporaneidade, quer seja, a criação e a adoração de um mito popular para milhões de cidadãos brasileiros, quase sempre tratados como de segunda categoria. Nesse caso o Messianismo liderado por Padre Cícero Romão Batista.

No que se refere às abordagens do tema proposto, seja através da utilização dos livretos de Cordel ou, até mesmo, do Teatro de Mamulengo, cujas características populares são marcantes, seja através do cinema nacional, mídia essa também de fácil penetração nos meios populares, nada mais oportuno do que pautar-me no “velho mestre” Paulo Freire que, tanto em seu livro **Pedagogia do Oprimido** (2005), quanto em seu livro **Pedagogia da Esperança** (1993), reafirma que “a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade”. Entendo, como educador democrata e progressista, que os nossos jovens tem muito a nos ensinar, a dialogar conosco, diante desses desafios tecnológicos que invadem todos os ambientes possíveis, que nos envolve, e que nos desafia como educadores. Esse mundo lhes pertence. Temos que apreendê-lo. A construção é eterna. Ainda segundo Freire (2005: p. 91): “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”.



## 2. O Problema

Ao propor que os alunos assistam ao filme **Visão de Juazeiro**, dirigido por Eduardo Scorel de Moraes, como um dos recursos e uma das estratégias pedagógicas para abordagem do tema, auxiliados por textos (popular, como o Cordel, e eruditos), o objetivo é possibilitar o encontro dos vários olhares sobre o papel místico e santificado de Padre Cícero Romão Batista. É diante desses olhares que os alunos de um centro urbano como a cidade do Rio de Janeiro nos dias atuais e, portanto, bem distantes da realidade do sertão nordestino dos primórdios de nossa história republicana, mais precisamente, nas primeiras décadas do século XX, serão levados a compreender os fatores geradores desse fenômeno místico do Padre Cícero. A partir desse entendimento espera-se que os alunos respeitem a cultura popular e aprendam a utilizá-la como fonte de conhecimento humano.

O curta-metragem e documentário de Scorel será um suporte fundamental para levar os alunos a identificarem e a analisarem as condições históricas que permitiram o surgimento do fenômeno retratado pelo filme e que, ainda hoje, mantém viva a chama da crença nos milagres do “Santo Padre”. É a partir do filme que se fará a apresentação do cotidiano dos romeiros que visitam anualmente o santuário de Padre Cícero, na cidade de Juazeiro do Norte, no sertão do Ceará. Esse relato e apresentação do cotidiano da vida de centenas de romeiros são entremeados com cenas de arquivo histórico, em que o “Santo Padre” aparece em meio à multidão de devotos, lá pelos idos da década de 30.

Seus personagens principais são os sertanejos que penam em suas vidas miseráveis, mas que se sentem fortalecidos e revigorados pela proteção do “Padinho Ciço”, responsável por suas peregrinações anuais à cidade. A crença e a fé no “Santo Padre” são os sustentáculos desse povo sofrido, responsáveis pelas suas existências, tão sacrificadas por um sistema injusto de exclusão social ainda reinante em boa parte desse imenso território brasileiro, em especial no grande sertão nordestino.

A crença desses personagens vivos é retratada em suas falas ao longo do filme. O contentar-se com o pouco que tem, obra da “divina bondade”, é mecanismo fundamental da perpetuação desse sistema excludente, que os marginaliza, que os trata como cidadãos de segunda categoria, mas que alimenta os poderes constituídos. Seus olhares, expressos também nos livretos de cordel, outro objeto de

análise do trabalho proposto, retratam a firmeza de suas crenças. É esse o olhar popular que nos guiará na análise do tema, um olhar original, simples e humilde de um povo crente nos milagres já alcançados e/ou a serem atendidos por “Padinho Ciço”. Esse será o foco desse trabalho, quer seja, comparar esses pontos de vista acerca do poder místico e milagreiro encarnado no Padre Cícero, empregando também como suporte teórico da historiografia, alguns trabalhos acadêmicos sobre o tema abordado.

### **3. Fundamentação Teórica/ Revisão de Literatura**

#### **3.1. Mídia Impressa e internet**

##### **3.1.1. Historiografia brasileira escolar**

Com a chegada dos e-mails, dos sites virtuais, e de uma gama enorme de redes sociais na internet, as necessidades de diversificarmos as formas de comunicação e fontes de informação aumentaram consideravelmente e, embora continuem a ser usados símbolos, ícones e imagens, nota-se que a palavra impressa literariamente é indispensável. Portanto, discutir a sobrevivência do livro como objeto material, acaba tornando-se um pouco ocioso. Como produto industrial, é óbvio que o livro impresso está sujeito às transformações da técnica e da circunstância. Agora, como afirmam vários especialistas da literatura brasileira, o espírito da letra, a necessidade da letra como símbolo de expressão, reflexão e comunicação, isso nada tem a temer da linguagem digital.

Quando o assunto diz respeito à velocidade com que se processam as mudanças, em especial as tecnológicas, as mesmas afetam, diretamente, todas as relações na sociedade. Longe de nos fecharmos diante dessas mudanças, mas não podemos achar que tudo que é novo deva ser absorvido como o “ovo de Colombo”. Tenhamos calma e bom senso, apesar da rapidez das mudanças nos exigir que as acompanhamos próximos ao seu ritmo, pois, se não quisermos ser atropelados pela invasão de todas essas novas tecnologias, ligadas, direta ou indiretamente, às novas TICs, nos ambientes escolares, devemos nos apressar, porém com muita cautela. Busquemos a capacitação e a apropriação do domínio sobre essa gama de possibilidades educativas oferecidas pelas várias mídias.

O vento do futuro, já bastante sentido no presente, soprado pelos centros de dominação, nos leva a propor uma ação que possa envolver amplos setores da sociedade organizada, no sentido de buscarmos saídas para escapar da exploração e enfrentar o poder globalizado, mercantilizado e cibernético, pois é esse processo que determina a precarização das relações de trabalho, o desemprego estrutural e as grandes tragédias sociais, como o crescimento da criminalidade, da prostituição infantil e do racismo. Mas, ao contrário da oposição ao avanço tecnológico, como alguns precipitadamente pensam, devemos democratizá-los e apropriá-los

socialmente. Pensando nessa forma de apropriação, Gaudêncio Frigotto, especialista em Educação e Trabalho, afirma que:

“(...) não é de se negar o progresso técnico, o avanço do conhecimento, os processos educativos e de qualificação ou simplesmente fixar-se no plano das perspectivas da resistência (...), mas de disputar concretamente o controle hegemônico do progresso técnico, do avanço do conhecimento e da qualificação, arrancá-los da esfera privada e da lógica da exclusão e submetê-lo ao controle democrático da esfera pública para potenciar a satisfação das necessidades humanas. O eixo aqui não é a supervalorização da competitividade, da liberdade, qualidade e da eficiência para poucos e a exclusão das majorias, mas a da solidariedade, da igualdade e da democracia.” (Frigotto, 2003: 139)

É diante desse avanço tecnológico e do aparecimento de novas mídias, da expansão das Redes Sociais na internet, de sua utilização na resistência contra estruturas políticas autoritárias, numa velocidade jamais vista, e dos desafios que se apresentam diante dessas novas realidades, que muito se tem falado sobre a sobrevivência do livro impresso.

Em palestra proferida em maio de 1994 no IEA – Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo -, intitulada **Fim do Livro?**, portanto há, pelo menos, 15 anos atrás, Machado (1994) levantava questionamentos sobre as “ameaças” em relação à sobrevivência do livro impresso. Lembremo-nos que o início dos anos noventa do século passado foi marcado pela popularização da utilização da internet. Nessa palestra, foram levantadas algumas hipóteses a respeito das raízes clássicas dos atuais livros eletrônicos, conhecidos como *Kindle*. Sua exposição levantou questões interessantes acerca das profundas transformações pelas quais estão ocorrendo no processo de editoração. A constatação de que o modo de produção do livro impresso é lento demais diante das inúmeras mudanças que se processam a cada minuto é fato. Seus atrativos, quanto comparados com as inúmeras possibilidades abertas pelas novas TICs, são muito mais limitados. Sua estrutura rígida é fácil de ser constatada quando comparada aos inúmeros recursos informatizados, interativos e multimidiáticos eletrônicos.

À época em que foi proferida essa palestra, os *CD-ROMs* apresentavam-se como veículos poderosos de informação, capazes de armazenar um volume enorme de textos, permitindo localizar rapidamente qualquer texto, possibilitando leituras não lineares e sem rigidez como nos livros impressos. Esse veículo já impressionava, e muito, à época. Passados quase uma década e meia, as novas ferramentas de

armazenamento e divulgação de informações evoluíram numa rapidez sem igual. As técnicas de hipertextos, possibilitando navegar pelas palavras e entre as palavras, enriquecidos por veiculações sonoras e imagéticas, avançaram cada vez mais: dos minúsculos veículos de armazenamento, como o *Pen Drive*, até chegarmos aos *Kindles*.

Pegando como referência o hipertexto, nele as palavras ressaltadas nos *links* desempenham a função de botões que conectam a outras fontes. Navegando entre estes nodos, o leitor vai criando suas próprias opções e trajetórias de leitura, o que rompe o domínio tradicional de um esquema rígido de leitura imposto pelo autor. Assim, o leitor tem a oportunidade de experimentar o texto, não só em um nível subjetivo de interpretação, mas também em um nível de manipulação objetiva dos elementos que o integram. A opção de modificar o conteúdo do texto, de conectá-lo a outros trabalhos prévios e às novas formas de acesso e de consulta, muda substancialmente o conceito tradicional do livro.

Em sua palestra, Machado (1994) realizou um breve histórico das formas de armazenamento da memória das civilizações, enfocando a importância dos livros impressos, principalmente a partir do aperfeiçoamento da imprensa por Gutemberg, isso no decorrer do século XV, época em que o mundo ocidental ingressava na era da modernidade. Anterior a esse marco, nota-se que o conceito de livro impresso relacionava-se diretamente ao mundo ocidental cristão, mais especificamente a forma como a Igreja Católica formatava suas escrituras sagradas. Deriva dessa época o conceito formal de livro impresso em papel, como forma de diferenciar-se da literatura pagã. Essa formatação diferenciava-se, de maneira muito mais prática, dos antigos pergaminhos.

Muitas foram as transformações físicas e conceituais acerca dos livros ao longo da história; desde suas origens como códice cristão, passando por sua concepção mais ampla, segundo Machado (1994: 4), que vê o livro como “qualquer dispositivo através do qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade o conjunto de seus conhecimentos, de suas descobertas, de seus sistemas de crenças”, e pelo conceito de que o livro, segundo Lucien Febvre (Martin, 1992: 15) “é o instrumento mais poderoso de que pode dispor uma civilização para concentrar o pensamento disperso de seus representantes e conferir-lhe toda a

eficácia”, até chegarmos aos modernos e revolucionários *Kindles*, surgidos no decorrer da primeira década do século XXI.

Mais recentemente, em entrevista concedida à revista **Perspectiva Capiana**, Holanda (2009: 3) afirmava que tanto “o paradigma seqüencial e linear do livro impresso” quanto “o livro propriamente segundo a concepção de Arlindo Machado”, estão passando por um momento de crise. Para ela, as novas modalidades de produção de textos, que se apresentam de forma não lineares e não seqüenciais, e sim através de *hiperlinks*, tem assumido uma tendência a se afirmar como predominante. Segundo a especialista em Literatura Brasileira, é fácil constatar que os autores mais jovens e, portanto, criados sob a égide da linguagem da internet, já produzem seus trabalhos nessa nova modalidade da escrita. É essa nova tendência que faz demandar novos modelos não lineares de apresentação dos textos. Tais constatações permitem-nos concluir brevemente que a modalidade de se registrar nossas experiências e práticas culturais, não se apresenta apenas no formato de papel impresso do livro, mas está se dando de formas variadas.

Caso queiramos recuar um pouco mais na história acerca dos desafios que o livro impresso enfrentaria, já no final dos anos vinte do século passado, na Alemanha republicana de *Weimar* que se recuperava dos destroços provocados pela Primeira Guerra Mundial, e prestes a sentir os efeitos da Crise de 1929, portanto, próxima de assistir à ascensão de Adolf Hitler ao poder, o filósofo alemão Walter Beijamin (1978: 77-79), já prognosticava sobre o possível fim do livro, afirmando que:

“O livro, na sua forma tradicional, encaminha-se para o seu fim (...) os enxames de gafanhotos escriturais, que hoje já obscurecem o sol do pretense espírito dos cidadãos das grandes cidades, tornar-se-ão ainda mais densos nos próximos anos. (...) Hoje, como o atual modo de produção científica o demonstra, o livro se tornou uma mediação inútil entre dois diferentes sistemas de gerenciamento de informações. Pois aquilo que realmente importa pode ser encontrado no fichário do pesquisador, onde ele anota suas descobertas (...)” (Beijamin *apud* Machado, 1994: 2)

Quando se considera a importância da conservação do saber coletivo através do material impresso, mesmo diante da rapidez com que se expande a tecnologia midiática, o livro ainda ocupa um importante papel ao contribuir para o perdurar das tradições e fazeres humanos. Cony (2000), em seu artigo “O fim do livro e a eternidade da literatura”, publicado no Jornal Folha de São Paulo, escreve com

muita propriedade sobre o assunto ao afirmar que o livro impresso “(...) estará sujeito às transformações da técnica e da circunstância. Agora, o espírito da letra, a necessidade da letra como símbolo de expressão, reflexão e comunicação, isso nada tem a temer da linguagem digital.”

Duas, dentre muitas outras belíssimas experiências de utilização do livro impresso demonstram, além da extensão da importância dessa mídia, seus possíveis encantamentos, apesar dos novos meios tecnológicos de expressão das palavras. Uma dessas experiências, relatadas durante o módulo Mídia Impressa, refere-se ao projeto do “Bibliojegue”, que ainda encanta os que partilham dessa experiência no interior do sertão nordestino, mobilizando jovens e adultos, quase sempre esquecidos pelos poderes constituídos, diante da “biblioteca ambulante de quatro patas”.

O outro projeto, que tive a oportunidade de conhecer pessoalmente, trata-se da “Biblioteca Flutuante”. Ele foi desenvolvido por alguns amigos professores da rede municipal de Angra dos Reis que trabalhavam nas Escolas da Ilha Grande, incluindo o então professor da rede Paulo Lins, autor do consagrado livro “Cidade de Deus”. Que projeto belíssimo. Os alunos, até chegarem às escolas da Ilha Grande, liam e debatiam sobre o que liam com os colegas. Esses alunos pegavam e levavam para suas casas livros emprestados. E olhe que tais atividades iniciavam-se quando o sol ainda não havia aparecido, ainda pela madrugada. Na viagem de volta, outras leituras e outras conversas. Quantos encantos os livros despertavam. E olhe que as paisagens do percurso da viagem são cinematográficas.

Ao considerarmos as atuais mídias, como veículos que permitem a continuidade do projeto histórico do livro, não podemos deixar de considerar que, nesse movimento, elas acabam por transformá-lo. A partir dessa nova realidade, o livro impresso passa a ser visto como mais um dispositivo, segundo Machado (1994: 6) “cuja função é não apenas dar suporte ao pensamento crítico, mas também colocá-lo em operação.” O escritor espanhol José Ortega y Gasset, já falava em 1939, da idéia do “livro-máquina”, cujo primeiro exemplo teria sido a Enciclopédia, organizada por Diderot e D’Alambert, sob as luzes do movimento iluminista, lá pelos idos do século XVIII. Essa obra reunia ao todo 35 volumes, fruto do trabalho de, pelo menos, 150 especialistas, cuja função determinante era reunir todos os

conhecimentos possíveis num mundo que se tornava predominantemente burguês e capitalista.

A Enciclopédia possibilitaria uma linguagem não linear, uma obra que não era para ser lida por inteiro, da primeira à última página, mas dispunha de uma organização do pensamento, no qual se pode penetrar de forma não-linear, que segundo Machado (1994: 6) seria o “livro ao qual devemos retornar a todo momento, como a uma bússola, como ao mapa de um terreno, sempre que decidimos traçar nosso próprio caminho”. Seria essa idéia do “livro-máquina” que desembocaria na máquina propriamente dita, concretizada com a invenção do computador, onde daria nascimento a obras eletrônicas audiovisuais e não-lineares, com acesso aleatório a qualquer de suas partes, com mecanismos de busca bastante avançados.

Quanto às mudanças da relação com a leitura e a escrita, a partir da Internet, é possível acreditar que, até mesmo aqueles ainda presos ao tradicionalismo, não o descartam, e tem sabido utilizar-se desses recursos como excelentes auxiliares. Como a internet tem facilitado a elaboração de textos, enriquecidos com o acesso mais rápido a novas fontes, sejam textuais ou de outros tipos, seja empregando a não linearidade, seja utilizando-se da interatividade em sua elaboração. A digitalização de textos, originais ou não, é muito facilitada quando temos ao nosso dispor, *on line*, diversas fontes de consulta. É lógico que a relação entre a leitura e a escrita tem se alterado profundamente, mas sem a possibilidade de se descartar as mídias impressas tradicionais. E olhe que os recursos de se escanear textos e outras fontes diversas, tornaram-se fundamentais dentro desse processo de elaboração.

Considerando a evolução histórica e os efeitos sociais que a utilização do hipertexto possibilitaria, segundo Dias (1999), que estuda os avanços na comunicação da informação, tal evolução passaria por, pelo menos, três estágios culturais e tecnológicos: a escrita, a imprensa e a tecnologia da informação. Em seus estudos ela procura mostrar a origem dos hipertextos e os efeitos sociais dessa nova tecnologia, inserida no contexto da cibercultura, chegando a concluir que:

“Na verdade, o hipertexto resgata e modifica antigas interfaces da escrita, como a segmentação em módulos (capítulos e seções), o acesso seletivo e não-linear ao texto (índices e sumários), as



conexões a outros documentos (notas de rodapé e referências bibliográficas), implementadas com novas tecnologias.” (Dias, 1999: 276)

À época em que a imprensa ganhou maior expressividade, a comunicação escrita e o modo de transmissão dos textos sofreram profundas mudanças, dando início àquele que seria classificado por ela como o segundo estágio da evolução da comunicação. Passa a ser oferecido ao leitor, à partir de então, a possibilidade de avaliar o conteúdo da obra de forma rápida e acessar partes do livro que mais lhe interessavam, de modo seletivo e não-linear. Por meio das notas de rodapé e das referências bibliográficas, o leitor passou a ter conhecimento de outros livros que tratavam do mesmo assunto. Essa nova forma de interação com o conteúdo da obra já mostrava uma certa tendência à não-linearidade.

Continuando o estudo da evolução proposta por Dias (1999), no século XVIII surgiram dois modos de organização da informação em bibliotecas: um deles usava fichas catalográficas, classificadas em ordem alfabética (formadas a partir dos títulos e sumários dos livros) e o outro utilizava-se de índices gerais em árvore (formados a partir de árvores do conhecimento). Ambos tinham como objetivo facilitar o acesso e a busca de informações. A partir do século XIX, muitos foram os avanços tecnológicos, especialmente no ramo da eletricidade. Vários inventos começaram a influenciar a forma de comunicação da sociedade, destacando: o alfabeto digitalizado no código *Morse*, o telégrafo, a máquina de escrever, o fonógrafo, o telefone e o rádio. No final deste mesmo século, nascia a mecanografia, com os cartões perfurados conhecidos como *Hollerith*, tecnologia que seria de propriedade quase exclusiva da IBM por muitas décadas. Continuando a evolução tecnológica relacionada às comunicações, no início do século XX, surgiram: o cinema falado, a televisão, o gravador, a caneta esferográfica, a fotocopiadora e as primeiras máquinas que dariam origem aos futuros computadores. Com essa evolução apareceram também novos suportes técnicos: fotossensíveis (filme, microfilme, fotografia e microficha), mecânicos (disco de vinil) e magnéticos (filme polímero recoberto por óxido de ferro ou cromo). A comunicação dava enormes saltos em sua evolução.

A década de 50 do século passado seria decisiva para o surgimento do conceito de hipertexto posteriormente, pois vários inventos contribuíram para a

rápida evolução nos meios de comunicações, destacando: as invenções do rádio a transistor e do circuito integrado. Logo a seguir ocorre a utilização das fitas magnéticas nos computadores e a criação dos satélites de telecomunicações. Foi em meados dos anos 60 que Theodore Nelson criou o termo "hipertexto" no seu projeto **Xanadu**, com a proposta de implementar uma rede de publicações eletrônica, instantânea e universal – um verdadeiro sistema hipertexto, um universo documental. Com a criação da *WEB*, em finais da década de 80, os sistemas hipertexto começaram a ser efetivamente utilizados, principalmente nas áreas de educação, comunicação e organização de dados, possibilitando uma aprendizagem coletiva, cooperativa e interativa. Daí para a criação do *Kindle*, faltava muito pouco.

A interatividade e o compartilhamento de informações sob a forma de textos, sons e imagens, proporcionados pelos hipertextos, promovem o desenvolvimento de novas relações com as fontes do saber e devem ser considerados como novos aspectos a serem considerados nos métodos educacionais. Ainda para Dias (1999), longe de nos opormos aos avanços possibilitados pela expansão da *Web*, pois:

“O confronto homem-máquina e a Internet, com sua rede infinita de hipertextos, têm sido alvo de críticas desse gênero. A tecnologia em si mesma não é digna de condenação ou exaltação. O uso que se faz dela é que pode ser vil ou nobre.” (Dias, 1999: 276)

Procurando concluir essa análise sem, no entanto, ter a pretensão de esgotá-la, cito novamente Holanda (2009) que, ao ser indagada sobre o risco que a redução de custos dos meios digitais pode representar para o livro impresso, ela rechaça a pergunta, afirmando que:

“O livro impresso se torna certamente obsoleto como referência, como suporte para a divulgação técnica e científica e para outros nichos da produção outrora confinada às editoras. Mas, certamente, o livro impresso encontrará seu novo perfil e seus novos usos no caso do crescimento desse sistema editorial de base digital.” (Holanda, 2009: 4)

Concluindo suas colocações, ela concorda que as publicações marcadas pela urgência de informações e divulgação encontrarão melhores canais nas mídias digitais, pois a velocidade com que são geradas as informações é muito diferente do tempo do conhecimento, indo de encontro às publicações de livros impressos. A autora não vê, no entanto, nenhuma ameaça para a literatura, o fato da rapidez com

que vários escritores estão disponibilizando suas obras na internet. Pelo contrário, ela vê a literatura ganhando mais espaço, mais visibilidade, mais leitores e mais facilidade de criação, principalmente devido ao rápido crescimento das experiências de criação compartilhada que ajudam a promover a leitura. Partindo dessas colocações, pode-se aferir que o mercado literário do futuro deverá estar aberto para esses dois tipos de consumo: o acervo digital, dando conta da rapidez e da agilidade do acesso aos textos e sua portabilidade; o livro impresso como fruição e contato físico. Ratificando as colocações anteriores, Machado (1994) concluiu sua palestra sobre o possível “fim do livro”, afirmando que:

“Se o livro vai morrer ou não, essa é uma discussão restrita apenas aos círculos de filólogos, pois, no fundo, tudo é uma questão de definir o que estamos chamando de livro. O homem continuará, de qualquer maneira, a inventar dispositivos para dar permanência, consistência e alcance ao seu pensamento e às invenções de sua imaginação. E tudo fará também para que esses dispositivos sejam adequados ao seu tempo.” (Machado, 1994: 9)

É a partir desse ponto do desenvolvimento da atividade proposta por esse trabalho, que procuro valorizar, também, a utilização do livro impresso como fonte tradicional para o estudo da história. Partir das análises dos especialistas sobre o assunto abordado, em especial o caráter atrelado do Messianismo praticado por Padre Cícero, permitirá subsidiar os alunos no desenvolvimento da atividade. É enorme a produção historiográfica sobre o tema abordado.

Baseando-se nessas fontes historiográficas que analisam as condições históricas da população sertaneja nordestina, e que tanto alimentaram os movimentos sociais ocorridos no Nordeste brasileiro durante a Primeira República, incluído, aí, o Messianismo praticado pelo Padre Cícero, podemos concluir que a implantação do regime republicano no Brasil em nada havia modificado a situação das famílias de trabalhadores do campo, que representavam, à época, mais de 2/3 da população nacional. As grandes propriedades continuavam imperando, tanto no litoral como no interior do país, onde predominavam os latifúndios improdutivos.

A situação no campo continuava cada vez pior: grandes concentrações fundiárias, completa subordinação da população sertaneja e extrema miséria, agravada por longos períodos de secas. A falta de perspectivas para a maioria da população, acompanhada da ignorância e do analfabetismo, fazia com que “saídas

imediatas” fossem buscadas, reforçando o prognóstico sombrio para as populações miseráveis do sertão brasileiro, como bem aborda o filme **Deus e o diabo na terra do sol** (Brasil.1964, dirigido por Glauber Rocha).

Por um lado, o Banditismo Social, incorporado pelo Cangaço brasileiro, foi uma dessas saídas, em que vários bandos reinaram no sertão – de Antonio Silvino, Calango, Lampião. O Bandido Social é, em geral, membro de uma sociedade rural e, por razões várias, encarado como proscrito ou criminoso pelo Estado e pelos grandes proprietários e, “geralmente é considerado como herói por sua gente, seja ele um ‘justiceiro’, um ‘vingador’ ou alguém que ‘rouba dos ricos””, segundo o sociólogo da USP Carlos Alberto Dória. Seus bandos eram formados por pessoas que buscavam vingança pelo assassinato cometido contra seus parentes, uma posição de “destaque e respeito” e, em especial, justiça com as próprias mãos. Os maiores bandos chegavam a reunir 100 pessoas, como o de Lampião, que chegou a incluir várias mulheres, que lutavam em pé de igualdade com os homens. Ainda segundo o sociólogo:

“Antes do bando de Lampião não se tem notícia de que mulheres tenham andado debaixo do Cangaço. Embora a regra fosse não violentar mulheres e um comportamento duro frente à prostituição, o bando de Lampião se afastou progressivamente deste parâmetro do Cangaço. (...) Era bastante comum, nas festas e nas fazendas onde chegavam os cangaceiros, estes se apropriarem de mulheres, casadas ou não, para se divertirem. (...) Além disso, a presença das mulheres significava uma garantia para as filhas e mulheres dos sertanejos surpreendidos por um ataque do bando. Uma garantia de respeito.” (Dória, 1982: 88-90)

As ações dos cangaceiros variavam: de invasões às propriedades de grandes fazendeiros, aos saques aos armazéns das vilas e cidades; enfrentavam jagunços e tropas do governo, muitas das vezes desmoralizando-as. A ausência de projetos políticos dos bandos era uma das suas principais marcas.

Até, pelo menos, a década de 1930, se teve notícias da atuação de inúmeros bandos, elevando a preocupação dos governos municipais, estaduais e federal.

No outro extremo das saídas imediatas surgia o Messianismo, representado por movimentos liderados por beatos ou fanáticos religiosos, que arrastavam multidões em busca do “encontro” com o Grande Deus. De um lado destacava-se o Messianismo Independente ou Autônomo, como o organizado no Arraial de Canudos, no sertão da Bahia, entre os anos de 1893 e 1897 e o de Contestado, surgido entre os anos de 1912 e 1916, no sul do Brasil, entre as divisas do Paraná e

Santa Catarina, que chegaram a questionar a ordem vigente e o poder dos coronéis. Do outro lado surgia o Messianismo Dependente ou Arelado aos interesses dos grandes coronéis, cujo exemplo maior foi o movimento liderado pelo Padre Cícero Romão Batista no interior do estado do Ceará, arrebanhando milhares de sertanejos, quase sempre utilizados como mão-de-obra barata e jagunços dos grandes fazendeiros. Nesse movimento, apesar da intensa participação de milhares de sertanejos, a liderança do “Santo Padre” foi capaz de impedir que seus seguidores se voltassem contra a ordem estabelecida, quer seja, o sistema político, econômico e social sob o poder das oligarquias rurais brasileiras, em geral, e nordestinas, em particular. Evitava-se, dessa maneira, a explosão social tal como o ocorrido em Canudos ou em Contestado. Segundo Medeiros (1989: 5):

“Associados ao mesmo fenômeno messiânico (o episódio de Canudos), localizados na mesma região, gerados pelos mesmos fatores condicionantes, o episódio de Juazeiro e, principalmente, a figura do padre santo resistem ao tempo, ou melhor, transcendem ao tempo, gerando, ainda hoje, misticismo e adoração.”

A trajetória de Padre Cícero – de padre regular da Igreja Católica no Brasil, passando à condição de milagreiro, de prefeito e grande proprietário de bens imóveis, até se tornar um grande “coronel de batina” –, confirmava o interesse dos grandes fazendeiros em tê-lo como aliado, ou seja, um líder que conseguiria controlar o “vulcão social”, que a todo momento estaria prestes a explodir. Ainda segundo Medeiros (1989):

“A participação do ‘coronel de batina’, como era conhecido o Padre Cícero, tem nitidamente a função de catalisar a população sertaneja em prol dos interesses dos coronéis agropastoris e de utilizá-la contra as tentativas de tomada de espaço do poder pela classe média urbana, que trazia na sua composição, a burguesia comercial, desejosa de aumentar o mercado interno, estrangulado pelo latifúndio e pela condição servil do trabalhador rural.” (Medeiros, 1989: 7)

Apesar da Proclamação da República, em meio à crise religiosa marcada pela separação entre Igreja Católica e Estado brasileiro, as estruturas de poder no Brasil pouco se alteraram, principalmente no Nordeste, que continuou a presenciar a completa exclusão política e social de milhões de sertanejos, vivendo sob o jugo do poder dos coronéis pertencentes às tradicionais famílias da aristocracia rural nordestina. Passados os primeiros anos de adaptação do regime republicano, ainda sob a República da Espada governada pelos marechais Deodoro da Fonseca e

Florianópolis Peixoto (1889 – 1894), marcados pela repressão aos últimos levantes com certos laços de ligação com a velha ordem monárquica, foram os casos da Revolta da Armada (1893 – 1895) e da Revolução Federalista (1893 – 1895), o poder oligárquico reorganizou-se em torno dos estados de São Paulo e Minas Gerais, os mais ricos e importantes politicamente e eleitoralmente, cujos Partidos Republicanos (PRP e PRM) exerceram a hegemonia política nacional. A Política dos Estados implantada pelo presidente Prudente de Moraes (1894 – 1898), também conhecida como Política dos Governadores, e respaldada pela alternância no poder entre as oligarquias paulistas e mineiras, fenômeno conhecido como Política do Café-com-Leite, ao assegurar plena autonomia às velhas oligarquias, contribuía para consolidar o poder dos coronéis, dando-lhes plenos poderes sobre as massas marginalizadas.

Excluídas do jogo político nacional e regional, e vivendo em completo estado de miséria, restava às massas serem manipuladas na hora de depositarem seus votos nas urnas, num sistema eleitoral em que não mais que 5% da sociedade brasileira possuíam o direito do voto, excluídos aí os menores de 21 anos, as mulheres e os analfabetos, além da proibição de militares praças e religiosos. Vistos como benfeitores, os coronéis eram bajulados por essa massa de sertanejos, que deles dependiam de práticas assistencialistas e, portanto, mantenedoras do sistema oligárquico. A manipulação dos votos, as frequentes fraudes e o voto de cabresto, eram alguns desses mecanismos de controle político que levavam os grandes fazendeiros a tratarem seus subordinados como gado num “curral eleitoral”. Libertarem-se desse jugo da opressão, tornava-se tarefa quase impossível por parte da população sertaneja.

Num cenário em que a extrema miséria e a falta de perspectivas, associadas à ignorância e ao elevado índice de analfabetismo, assolavam a vida do sertanejo nordestino, e agravado por prolongados períodos de seca, e consolidado pelo efetivo poder político das oligarquias rurais, essa realidade, adversa para o pobre sertanejo, tornava-se bastante apropriada para que aparecessem lideranças carismáticas e místicas. Foi para esse cenário do sertão do Cariri, no povoado de Juazeiro, no Ceará, no início da década de 1870, que o Padre Cícero se deslocou e se fixou, contribuindo para seu crescimento e transformação numa próspera cidade cearense, além do maior centro religioso do Nordeste brasileiro.

### 3.1.2. O Cordel, fonte histórica da expressão popular

É de fundamental importância a conservação do saber coletivo através da mídia impressa, seja ela erudita ou popular, no caso também abordado por essa monografia, por nossa Literatura de Cordel. Sem sombra de dúvidas que os novos recursos midiáticos vieram para ficar, mas como importantes auxiliares, e não como simples substitutos

Essa modalidade de literatura, conhecida como “folheto”, “livro ou livrinho de feira” ou “literatura de cordel”, com sua importância mundialmente reconhecida, teve sua origem ainda nos primórdios da antiguidade clássica europeia e do oriente próximo. Era como as camadas populares camponesas, em sua esmagadora maioria pouco letradas, buscava registrar seus feitos e “estórias”. Nossos colonizadores ibéricos teriam conhecido tal modalidade de literatura popular por volta do século XVI, recebendo os nomes de “*pliegos sueltos*” (Espanha) e “folhas soltas” ou “volantes” (Portugal).

Muitas das vezes tratada como uma “literatura menor”, pois que se refere ao gosto popular, que canta e conta suas alegrias e/ou aventuras preferidas, a Literatura de Cordel tem assumido novas formas de publicação e divulgação, que foge dos tradicionais livretos artesanais. Sua primeira publicação aqui no Brasil, segundo Queiroz (2005), teria ocorrido na segunda metade do século XIX, pelo cordelista pernambucano Leandro Gomes de Barros. De lá até nossos dias atuais o cordel percorreu um longo e não tão reto percurso, chegando hoje a deparar-se com seu quase completo distanciamento entre o cordelista que confecciona os livretos e sua comercialização, como observa Lucena (2008) ao afirmar que:

“Mas por outro, ao passo que possibilita a circulação de sua obra, também a desterritorializa do formato de folheto e a insere no mercado editorial. Neste contexto, o cordel, que vivia como um fazer literário tão distante dos mecanismos da indústria cultural brota como um produto também vendido por ela e que começa a atender aos moldes do mercado, o que desencadeia até mesmo mudanças em sua aparência”. (Lucena, 2008: 52)

Segundo estudiosos do assunto, essa inserção no mercado editorial seria uma das formas de, ao transformá-los em livros, o cordel tornar-se-ia muito mais acessível ao público leitor acadêmico.

Aqui no Brasil, estendendo-se da Bahia ao Maranhão, a época em que o Cordel começava a ser impresso coincidia com o declínio do sistema monárquico brasileiro, sob o reinado de D. Pedro II, dando lugar à República nascente.

A importância dessa fonte de pesquisa remete-nos para uma análise do Cordel, considerando a abrangência dos aspectos a serem levados em consideração: sejam os contextos em que são produzidos, passando pelo seu formato ou tipo de material utilizado, sejam as observações quanto ao público a que se destina. Uma das importâncias e relevâncias do Cordel como fonte de pesquisa aponta, segundo Abreu (2004: 424) para a “percepção de que a materialidade dos suportes textuais interfere na maneira como se lê, assim como restringe e gera possibilidades de produção de textos”.

Sabe-se que suas formas de apresentação e de exposição ao público, serviram para classificar essa modalidade de literatura aqui no Brasil, tal como os portugueses já o faziam quando esses livretos eram expostos e vendidos a cavalo. É essa materialidade dos livretos que deve ser apreendida por aqueles que pretendam estudá-los como fonte de pesquisa literária e histórica, ou seja, no caso dessa monografia, como autêntica manifestação de cultura da população sertaneja nordestina, relatando seus mitos e heróis, suas pelejas e desafios.

Num estudo mais detalhado e minucioso, o observador-pesquisador deverá levar em consideração sua formatação quanto: ao número de folhas, sua forma de apresentação em versos e estrofes e sua direta relação com os gêneros dos escritos (se abordando assuntos do cotidiano como desafios e pelejas, com poucas páginas, geralmente oito, se relatando histórias de valentia ou casos amorosos, com mais páginas, geralmente de 16 a 64).

Considera-se, também, a importância que os autores desses livretos assumem quando transformam-se, além de editores, em vendedores de seus cordéis. Exige-se dele não apenas a arte complexa da criação, como também a arte do convencimento de seus públicos, levando-os a adquirirem seus livretos. Essa dinâmica inerente ao múltiplo papel exercido pelo autor-criador-editor-vendedor da literatura de cordel, torna-se peça fundamental para que o cordelista, diante do estreito contato com seu público, possa inferir sobre as demandas populares de suas futuras criações. Em seu artigo **A biblioteca e a feira – considerações sobre a literatura de folhetos nordestinos**, Abreu (2005), chama-nos a atenção para o fato da apresentação visual dos folhetos ser de extrema importância, seja devido ao



público-alvo que pertence, em sua maioria, ao grupo social semi ou quase analfabeto, facilitando a estreita ligação entre o gênero pretendido e a capa ilustrada, seja na qualidade da ilustração da mesma, haja vista apresentar-se como um obra autêntica, segundo os parâmetros de seus costumeiros consumidores.

Para Américo Peregrino Filho, professor de Patrimônio Natural/Cultural e Folclore na Escola de Comunicação da USP, a Literatura de Cordel, que no Brasil já tem mais de um século de vida, ganhou mais importância à partir de meados da década de 50 e 60, principalmente depois de publicações de escritores renomados como o brasileiro Orígenes Lessa e o francês Raymond Cantel. A partir de então um sem número de estudiosos brasileiros passaram a se dedicar à Literatura de Cordel. Ainda segundo Américo Peregrino:

“É no Brasil que essa produção popular persiste com aceitação de seu público original, apesar de novos entretenimentos, como rádio e televisão. E tendo conquistado aquele outro público, de estudiosos, colecionadores eruditos, turistas.” (Filho, 2008)

Apesar de tradicionalmente sua classificação relacionar-se a um tipo de literatura ligada ao folclore, o cordel hoje já não é mais estudado dessa forma, ganhando novo status como objeto de estudo, apesar de seu caráter continuar sendo reconhecido como uma manifestação da cultura popular que, segundo Lucena (2008):

“O termo ‘popular’, quando se refere à literatura de cordel, carrega em si uma série de características, como, ser de autoria de pobres que vêem de forma ingênua o mundo, ocupam profissões subalternas, possuem pouca ou nenhuma escolarização, escrevem/cantam por ‘dom’ e não por ‘arte’ – uma vez que esta é destinada apenas a escritores pertencentes a uma elite econômica e intelectual e que possuem ‘individualidade’.” (Lucena, 2008: 55)

No caso proposto por essa monografia, o olhar popular do Cordel sobre a santidade de Padre Cícero, a riqueza da produção cordelista nos disponibiliza centenas de livretos, sejam impressos ou disponibilizados em vários sites, com olhares sempre de adoração do Santo Padre. Muitos desses livretos podem ser encontrados agrupados em caixas de publicações por assuntos específicos, facilitando um pouco mais o trabalho dos interessados em investigarem esse mundo de informações sobre a visão da população sertaneja nordestina, diante da controversa figura do ex-padre da Igreja Católica e ex-liderança política do sertão do Cariri, o Padre Cícero Romão Batista, popularmente conhecido como “Padinho Ciço”.

### 3.2. História e Cinema

Buscar uma fundamentação teórico-metodológica que possa ser aplicada ao estudo do cinema como fonte histórica, segundo estudo de Morettin (2007), parece estar se confirmando quando se analisa as pesquisas que já foram e ainda estão sendo feitas por Marc Ferro, historiador e representante da nova corrente historiográfica francesa. As possibilidades e tentativas de se utilizar o cinema como fonte de pesquisa histórica, parece não ser tão recente assim, podendo ser remontadas à época dos irmãos Lumière, nos primórdios da criação da “sétima arte”, segundo artigo da revista francesa **Cultures** de 1898. Parece que, de lá, até chegarmos ao nosso tempo presente, a tarefa não tem sido nada fácil e sem obstáculos, principalmente representada por parte daqueles que ainda insistem em trabalhar sob a lógica do tradicionalismo historiográfico.

Em especial nas disciplinas das áreas de Ciências Sociais e Humanas, com destaque para a História, a utilização dos recursos imagéticos, possibilitados pela produção cinematográfica, tem se tornado peça fundamental e auxiliar durante as aulas. Recorrer às imagens, sejam dos filmes, sejam dos documentários, muito enriquecem e ilustram as aulas, reduzindo bastante o tradicionalismo dos recursos didáticos. Tratando-se, então, dos fatos históricos que marcaram o Brasil e o mundo contemporâneos, mais precisamente a partir da virada do século XIX para o XX, época em que são produzidas as primeiras imagens cinematográficas, os documentários reproduzindo imagens de arquivos históricos acabam “falando por si” ao desnudarem muitas das aulas expositivas, às vezes consideradas enfadonhas pelos alunos.

A riqueza das imagens e dos sons originais, muitas delas remasterizadas e refinadas com todo aparato tecnológico, então disponível, permite que os alunos estabeleçam um diálogo mais enriquecedor com essas novas fontes de pesquisa histórica. Vários são os relatos de trabalhos que se utilizam desses recursos cinematográficos, sejam eles imagéticos e/ou sonoros, para as práticas pedagógicas. A produção cinematográfica utilizando-se desses arquivos é muito rica, abordando temáticas as mais variadas possíveis.

Partindo dos estudos feitos por Ferro em que se busca a possibilidade concreta de se associar História e Cinema, é possível constatar que suas conquistas são bem mais significativas que os retrocessos. Suas análises partem do princípio

de que, a partir do cinema, seja possível desvelar outras formas de representação dos fenômenos sociais. Segundo Ferro (2010), o cinema como esse objeto de pesquisa, pode ser muito mais revelador que uma série de documentos tradicionalmente reconhecidos como históricos. Para ele, apesar de achar que devemos ter um pouco de cuidado quanto aos riscos da generalização – Ferro afirma que o cinema está fora do controle de qualquer instância de produção, principalmente o Estado -, a singularidade do cinema como testemunho de seu tempo torna-se fundamental para os especialistas em analisar o engendramento das sociedades em seu tempo histórico. Analisando a pouca importância que vários historiadores dão ao cinema como fonte de pesquisa histórica, Ferro (2010) afirma que:

“No que diz respeito ao filme e outras fontes não escritas creio que não se trata nem de incapacidade nem de retardamento, mas sim de uma recusa em enxergar, uma recusa inconsciente, que procede de causas mais complexas.” (Ferro, 2010: 25)

Apesar da riqueza de possibilidades que o cinema reproduz, de sua capacidade de desvelar, é bom que saibamos o quanto existem produções cinematográficas que cumprem muito bem o seu papel de reprodução das estruturas de poder, sejam com projetos bem definidos para esse fim – lembremo-nos dos inúmeros filmes em época de Guerra Fria -, sejam com projetos que, em meio às linguagens figurativas e metafóricas, enriquecidas por cenários previamente estabelecidos, nos transmitam – que nos confirme essa tese a série de filmes hollywoodianos como reprodutores do “*american way of life*”, com seus símbolos de pujança capitalista tão bem reproduzida nas filmagens das “lendárias Torres Gêmeas” em centenas de filmes, então derrubadas pelos atentados do dia 11 de setembro de 2001.

Que esse caráter autônomo e independente, presente nas reproduções cinematográficas, identificado como elemento de contra-análise da sociedade, e agindo como um “contra-poder”, ainda segundo Ferro (2010), seja um dos aspectos diferenciadores desse novo objeto de pesquisa histórica. Continuando com as observações de Morettin (2007), para Marc Ferro o cinema possibilita reproduzir os “lapsos”, que tanto interessam aos historiadores.

Seguindo essa lógica de análise e observação, os filmes apresentam uma série de mensagens, quer seja o que ele aparenta, quer seja o que ele esconde e se

faz revelar, como sua função mediadora. Muitos cuidados devem ser levados em consideração quando se busca fazer análises fílmicas. Para o historiador inglês Edward Hallett Carr, apesar do historiador poder ser considerado esse possível profissional com maiores cuidados de observação e análise sobre seus objetos de estudo, “(...) ele seleciona o que quer analisar, com critérios e acuidades, que outros profissionais, talvez, não consigam fazê-lo” (Carr, 1976).

Ao inferir que a produção cinematográfica que possua uma produção com poucos recursos, permita ser mais revelador, Ferro (2010) aponta para o fato de um determinado grupo ter mais liberdade de expressar, fugindo das amarras do sistema.

A proposta de reconhecer a contra-história elaborada pelo cinema como auxiliar ou complementar aos registros escritos aponta, talvez, para o reconhecimento de uma nova ciência em que os tais aspectos “não visíveis”, possibilitados pelo cinema, tornar-se-iam objetos de análise da ciência histórica. Mas não seria ou não tem sido uma tarefa nada fácil, seja pela resistência de parcelas dos historiadores, seja pela dificuldade de elaborar a metodologia destinada a essa nova perspectiva de análise, segundo propõe Marc Ferro. Continuando sua análise, ele identifica a originalidade de sua observação ao apontar para a importância do cinema como fonte de análise e pesquisa histórica, apesar de um certo desprezo de historiadores, mesmo diante dos novos desafios que as novas linguagens midiáticas merecem, em destaque as que utilizam-se dos recursos imagéticos.

Morettin (2007) observa nesse ponto de análise, um desafio maior e mais abrangente ainda, pois essa nova metodologia teria que dar conta do conjunto das fontes imagéticas, incluindo-se aí: o cinema, a televisão e a fotografia.

Em se tratando de um novo paradigma a ser construído como auxiliar à história ciência, a utilização da imagem cinematográfica aproxima-se bastante de uma especificidade que ganhou muito espaço na nova historiografia nessas últimas décadas, seja na francesa, seja na brasileira, relacionada à história das ideias. Muitos trabalhos de especialistas brasileiros navegam por esse imenso oceano de fontes de pesquisa historiográfica. Conhecida como “micro-história”, essa corrente utiliza-se bastante das análises sobre o cotidiano, as crenças, o imaginário, então pleiteadas pela proposta de Ferro para sua “nova ciência”.

De forma bastante apropriada, Ferro (2010) identifica a aproximação entre documentário e ficção, abrindo uma possibilidade de utilização de ambos os estilos como objetos de análise, haja vista a capacidade que os filmes de ficção também

possuem de retratar o real. Porém fica uma indagação: o maior alcance popular desse estilo de cinema, não nos levaria a concluir sobre a preferência por uma certa banalização da sociedade por parte do povo ao preferir determinados enlatados? Ou seria esta constatação o olhar que se espera alcançar quando da análise desses recursos imagéticos presentes nesse estilo de cinema? É isso que Ferro (2010) aponta como pouca matização diferencial entre ficção e documentário, pois em ambos se identificaria a relação com a realidade social?

Chega-se ao ponto, então, em que se dedicaria à montagem do corpo analítico e metodológico dos recursos imagéticos oferecidos pela arte cinematográfica. A opção pela utilização de variadas metodologias, parece ser um outro ponto de conflito para os que pensam elaborar uma nova ciência, pois que não ficaria tão explícito na obra de Marc Ferro. Reza o bom senso que seria possível partir-se de variadas metodologias, sem que se siga um único padrão analítico, para lhe dar com o cinema como fonte de pesquisa histórica.

Morettin (2007) vai concluindo sua breve análise sobre as propostas de Ferro, identificando os passos a serem seguidos para que possamos identificar os vários encontros entre história e cinema, apresentada aqui de forma resumida: o reconhecimento da autenticidade das manifestações presentes no filme; a ideologia presente na obra; a análise sobre o discurso utilizado; a estrutura histórica produzida pela obra.

Subsidiar os que procuram desenvolver a utilização de filmes como objetos de análise histórica, torna-se um pré-requisito fundamental. Nesse ponto de desenvolvimento dessa proposta, torna-se de suma importância o suporte possibilitado pela historiografia como fonte tradicional dos conhecimentos históricos.

A importância de termos conhecimentos históricos prévios, para que se proceda a uma análise crítica de filmes, segundo Ferro, torna-se condição preliminar para uma boa observação das fontes cinematográficas como fontes de pesquisa histórica. Esses devem ser alguns dos cuidados importantes na utilização de filmes como fontes históricas de pesquisa, quer seja, respeitar a historicidade de uma época histórica abordada pelo cinema que, segundo o estudo de Morettin (2007: 61), ao procurar resumir a proposta de Ferro, “seria possível estudar uma contra-história através do cinema (...) manifestando-se primeiramente as fontes tradicionais, para, então, se deslocar para o cinema”. Ou seja, torna-se fundamental para operacionalizarmos a utilização das fontes fílmicas como objeto de estudo da

história, mantermos o diálogo constante com a obra a ser analisada, identificando sua inserção ao meio e contexto social em que foi produzido e que, ao mesmo tempo, retrata.

#### 4. Metodologia da pesquisa

A atividade foi desenvolvida com alunos das turmas da terceira série do Ensino Médio do Colégio Bahiense, unidade Freguesia, em Jacarepaguá, localizado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

A atividade, cujos resultados e análise serão apresentados na próxima seção, foi aplicada pelo Prof. Marcos O'Reilly, responsável pela disciplina de História Geral da escola. As turmas que acabaram sendo selecionadas foram as turmas M-31 e M-32, abrangendo ao todo 42 alunos, sendo 23 jovens do sexo feminino e 19 do sexo masculino, todos na faixa de idade entre 15 e 19 anos.

Os alunos selecionados, como ficou confirmado pelo levantamento sócio-econômico, são constituídos por jovens adolescentes pertencentes às classes médias altas da grande região da Freguesia e seus arredores.

A Terceira Série do Ensino Médio inclui em seu planejamento anual, o estudo dos vários movimentos sociais ocorridos no decorrer da Primeira República no Brasil (1889 – 1930), período em que se insere o movimento popular e messiânico liderado pelo Padre Cícero Romão Batista, então proposto por esse trabalho.

Minha opção pelo filme **Visão de Juazeiro** (de Eduardo Scorel, Brasil, 1969), deveu-se ao fato de se tratar de um filme engajado e politizado. A preferência de Scorel por filmes engajados e/ou documentários históricos, foi que me levou a utilizar **Visão de Juazeiro** como um recurso áudio-visual para a abordagem do tema proposto por esse trabalho: o Messianismo Atrelado e Dependente ao poder dos coronéis, em que a figura e a liderança do Padre Cícero Romão Batista se destaca.

Comparar os “olhares” sobre esse tema, utilizando de forma interativa, pelo menos, três recursos midiáticos – seja através do filme sugerido, seja através do livreto de cordel, seja a partir da historiografia brasileira (mídia impressa e internet), possibilitando o acesso a conhecimentos históricos prévios sobre os movimentos sociais que marcaram o sertão nordestino no país durante a República nascente -, é a proposta central desse trabalho.

A atividade compreendeu quatro etapas, sendo a primeira dedicada à aula expositiva sobre os aspectos sociais da Primeira República. Durante essa aula expositiva buscou-se apresentar aos alunos um dos movimentos sociais ocorridos

durante a Primeira República no Brasil, o Movimento Popular e Messiânico liderado pelo Padre Cícero Romão Batista.

Aproveitou-se a aula, também, para que os alunos respondessem a um questionário sócio-econômico e cultural (ver anexo 2).

No desenvolvimento da segunda etapa os alunos fizeram uma leitura prévia sobre os assuntos a serem abordados, a partir de fragmentos de textos reproduzidos e distribuídos para os mesmos (ver anexo 3). Esses textos foram selecionados considerando-se a necessidade de atender às dúvidas e/ou curiosidades que, por ventura, poderiam ser levantadas pelos alunos, e foram retirados de dois livros já considerados clássicos de nossa historiografia, de um livreto de Cordel e de um livro para-didático.

Na terceira etapa da atividade os alunos assistiram ao filme **Visão de Juazeiro**, de Eduardo Scorel, debatendo-o logo em seguida. Para a projeção do filme foi destinado parte de um tempo de aula, ou seja, apenas 20 minutos, que corresponde ao tempo de duração do mesmo.

Concluída as três etapas anteriores, incluindo a leitura dos textos e o debate sobre o filme, partiu-se para a quarta e última etapa da atividade. Essa última fase compreendeu o momento em que os alunos dedicaram-se à responder as questões propostas sobre os assuntos abordados, enriquecidos pelas informações presentes no filme projetado (ver anexo 4).

Abaixo estão indicados os quatro fragmentos de textos, então utilizados como fontes auxiliares para o desenvolvimento dos conhecimentos históricos prévios. Vejamos:

1ª – **GASPARI**, Elio. **A Ditadura Escancarada. As Ilusões Armadas**. Parte II:

A Derrota, “O Milagre e a mordaza”. Cia das Letras. SP. 2002. p. 207, 208, 209 e 210.

2ª - **JANOTTI**, Maria de Lourdes Mônaco. **O Coronelismo, uma política de compromissos**. 2ª Edição. Coleção Tudo é História. Brasiliense. 1881. p. 41, 42, 45, 56, 57 e 58.

3ª – **MEDEIROS**, Daniel H. de. **Padre Cícero, O Santo do Povo?** Editora do Brasil S/A. SP. 1989. p. 13, 14, 15, 23).

4ª – **SILVA**, Gonçalo Ferreira da. Cordel: **O Evangelho Primeiro do Padre Cícero Romão**. ABLC (Associação Brasileira de Literatura de Cordel).



## 5. Levantamento e análise dos dados

### 5.1. Perfil sócio-econômico e cultural dos alunos

Passemos agora a apresentar e a analisar os dados dos alunos, coletados segundo o questionário sócio-econômico e cultural proposto (ver anexo 2).

O primeiro item pesquisado, resultando no gráfico abaixo, reproduz os dados sobre a renda das famílias dos alunos. O levantamento desses dados permite-nos concluir que a quase totalidade dos mesmos, ou seja, 92,85% dos alunos pesquisados pertencem às classes A e B, segundo dados oficiais do IBGE (ver anexo 5.1.). Apesar desse levantamento representar apenas uma parte do conjunto dos alunos que estudam na escola, esses números permitem-nos deduzir que o Colégio Bahiense atende a uma clientela que pode ser considerada de alto padrão de vida. A região em que se localiza a escola engloba o bairro da Freguesia e partes do bairro do Anil. Essa região é considerada como uma região onde habitam famílias que pertencem à classe média alta. Os inúmeros condomínios, em especial os constituídos por casas de alto padrão, são marcas da região do entorno da escola.

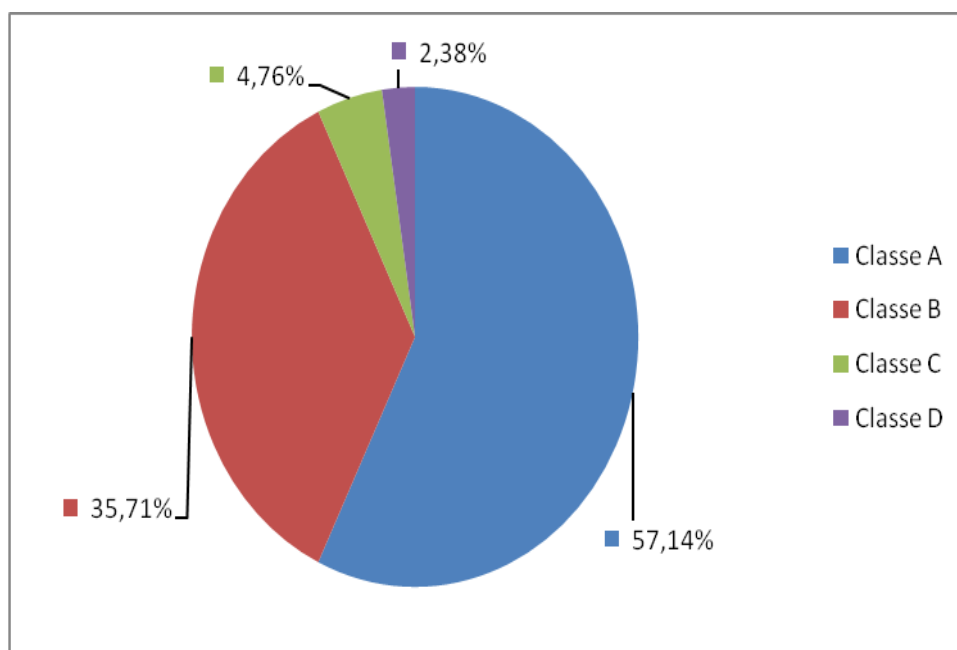


Gráfico 1: **Renda familiar dos alunos**

Pegando como referência essa realidade constatada acima, passarei a analisar os demais itens apresentados e propostos pelo questionário.

O item seguinte do questionário procurou indagar sobre a propriedade de computadores e *laptops* ou *notebooks*, e se os mesmos são utilizados individualmente ou se são compartilhados pelos demais membros das famílias. As respostas a esse item serviram para ratificar minhas primeiras conclusões descritas logo no início: do total de 42 alunos, 100% deles afirmaram possuir computador em casa e, desse total, 32 alunos, o que corresponde a 76,19%, possuem computador ou *laptop/notebook* individual. Apenas 10 alunos, o que equivale a 23,81% deles, afirmaram compartilhar com seus familiares (ver anexo 5.2.).

Esses números são bastante expressivos e atestam a facilidade de acesso à internet que esse padrão de família possibilita aos jovens. É bom ressaltar, também, que a escola possui um completo laboratório de informática, de livre acesso para os alunos que, no caso das turmas da terceira série do Ensino Médio, passam o dia inteiro nas instalações da escola. A obrigatoriedade do horário integral dessa série, acrescido de aulas regulares nas manhãs de sábado, vão ao encontro das necessidades pedagógicas então exigidas pelos exames vestibulares.

Levando-se em consideração que os alunos da terceira série encontram-se bastante atarefados, devido à preparação dos vestibulares, fato que pode ser facilmente constatado e que foi categoricamente afirmado por eles, os dados sobre a periodicidade e o tempo de utilização do computador apresentaram um quadro bastante revelador: mesmo diante da sobrecarga das tarefas e dos desafios escolares, os alunos pesquisados fazem uso frequente do computador, haja vista que um total de 83,33% dos alunos pesquisados afirmou acessar, pelo menos, mais de três vezes na semana (ver anexo 5.3.). Ao interpretarmos esses dados, apresentados na tabela seguinte, constatamos que apenas 2,38% dos alunos acessam, pelo menos, uma vez por semana.

Esses números permitem-nos afirmar o quanto que essa realidade apresentada é inerente à essa geração de jovens, que “consegue” executar múltiplas tarefas ao mesmo tempo, quer seja, acessar a internet com suas várias janelas e *links*, e realizar outros afazeres, mesmo que não sejam os diretamente ligados aos seus estudos. Aliás, essa tem sido a reclamação recorrente feita pelos próprios pais, especialmente quando da realização de reuniões organizadas pelo corpo gestor da escola.

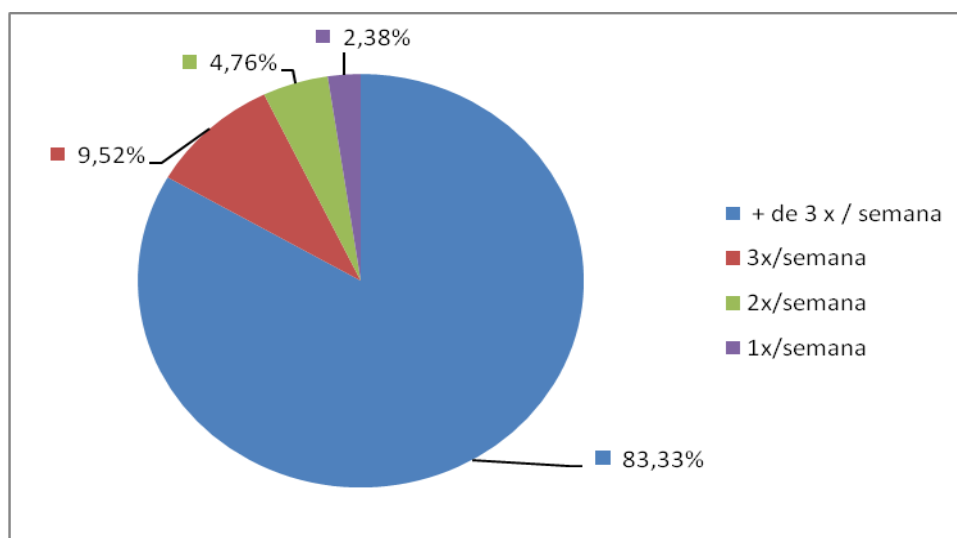


Gráfico 2: **Periodicidade de utilização do computador**

Quanto às horas diárias gastas pelos alunos em frente ao computador, quando comparadas com outras realidades de acesso feitas por jovens que, segundo pesquisas feitas no Brasil, são bem maiores, fui levado a concluir que, novamente, a peculiaridade de estarem em ano de preparação para o vestibular, os limita de tempo (ver anexo 5.4.). Além do horário regular na escola (entram às 7:00 e saem às 17:00 horas) e do horário de sábado (das 8:00 às 12 horas), os alunos ainda tem muitas obrigações escolares a serem cumpridas em casa: a quantidade de tarefas e exercícios os sobrecarrega. São essas limitações de tempo, confirmadas pelos próprios alunos, que permitem-nos afirmar que o tempo de utilização do computador aferido pela pesquisa, reproduz parcialmente a realidade desses jovens.

Na análise dos dados coletados sobre que tipo de acesso os mesmos realizam regularmente, quando utilizam-se do computador, constatou-se que a comunicação via *E-MAIL*, *MSN* ou *ORKUT*, assim como a Navegação para Pesquisa, predominam na preferência dos alunos pesquisados. Vale lembrar que nesse item do questionário, os alunos poderiam assinalar mais de uma opção. Desses números pode-se aferir que a quase totalidade, num total de 40 alunos, representando 95,23%, responderam que acessam regularmente *E-MAIL*, *MSN* ou *ORKUT*. Um total de 36 alunos, correspondente a 85,71%, responderam que acessam regularmente o computador para a Navegação de Pesquisa. Os outros dados revelados foram: um total de 14 alunos acessa regularmente *Sites* de

Relacionamentos; 13 alunos acessam regularmente Programas de Produção de Textos; 11 alunos acessam regularmente *BLOGS*.

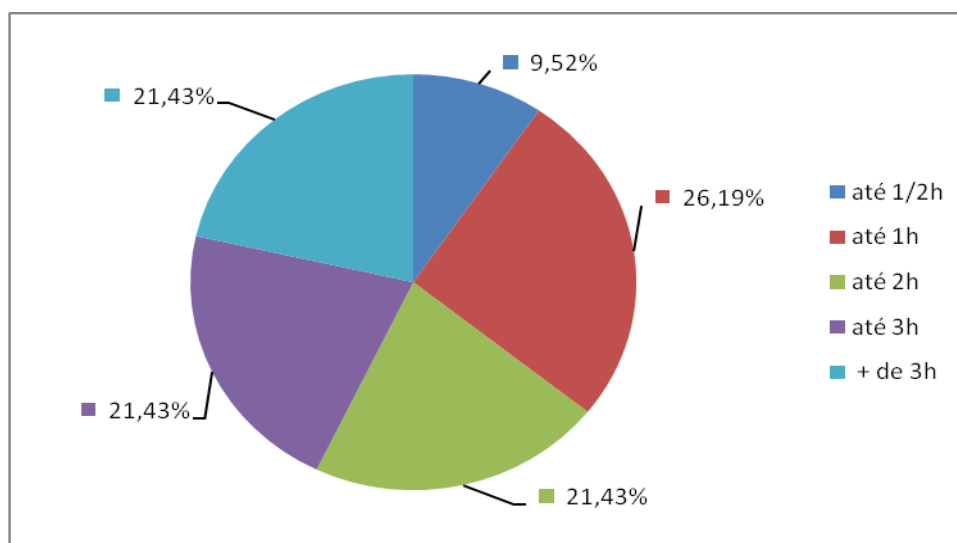


Gráfico 3: Tempo diário de utilização do computador

Partindo para a análise de outro item do questionário e, considerando-se que o trabalho proposto utiliza-se de filme como um dos recursos midiáticos, foi incluído no questionário uma pergunta sobre a frequência com que os alunos costumam ir ao cinema. Os números apresentados (ver anexo 5.5.) ficaram bem abaixo do que se poderia esperar para esse perfil de jovens, ainda mais quando se leva em consideração o grande número de salas de cinema nos *shoppings* localizados na região da Barra da Tijuca e arredores. É sabido, também, que, em especial os jovens de classe média, costumam frequentar de forma mais assídua as salas de cinema.

Segundo os números obtidos nesse item da pesquisa, acrescidos de afirmações feitas pelos próprios alunos, posso concluir que a dedicação ao vestibular foi o fator determinante na limitação de suas idas ao cinema. A opção por alugar filmes em locadores, apesar dessa indagação não ter feito parte do questionário, pareceu-me ser uma das saídas encontradas pelos alunos, como forma de suprir suas poucas idas ao cinema. É prática recorrente na escola, pelo menos em algumas disciplinas, utilizar-se do recurso de projetar filmes alugados em locadoras, ou de arquivos pessoais dos próprios professores. No caso da história, apesar do ritmo mais corrido das aulas, os professores conseguem trabalhar com

filmes e documentários de forma mais frequente nas turmas da terceira série. Com essas turmas, sempre que o tempo permite, desenvolvo o projeto História em Foco.

Merece destaque, ao se analisar os dados coletados, o percentual considerável alto de alunos que raramente ou, pelo menos, vão apenas uma vez ao mês no cinema. Esses dados totalizam 48,78%, quase a metade dos alunos pesquisados. A maior frequência de idas ao cinema, segundo o questionário, correspondente a mais de 4 vezes ao mês, foi identificada em apenas 4,88% dos alunos.

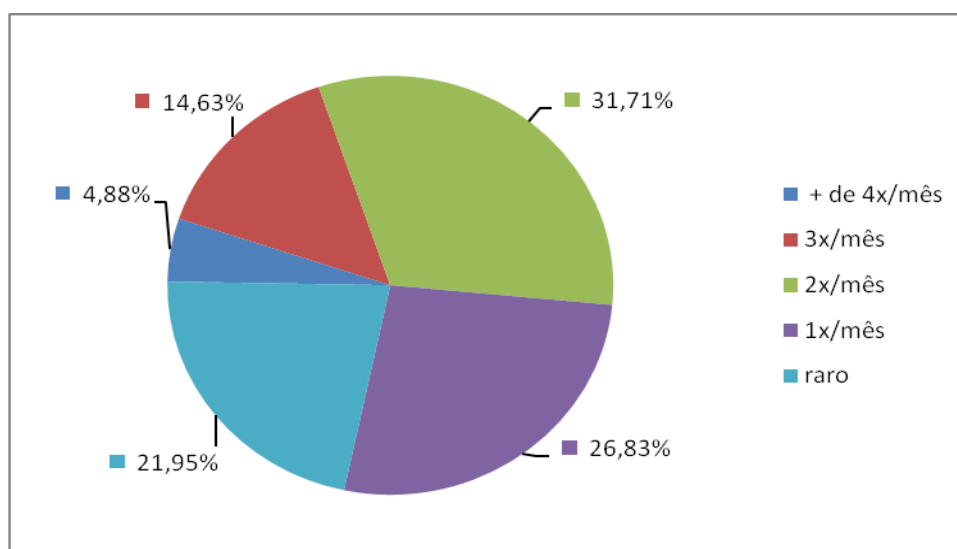


Gráfico 4: Periodicidade de idas ao cinema

No item sobre a frequência de idas ao cinema pelos alunos, foi permitido que os mesmos descrevessem o gênero de filme de suas preferências, assim como os motivos que os levaram a escolher os filmes assistidos. As respostas variaram bastante: desde os gêneros comédia, suspense, ação e ficção, até o gênero terror. Não houve nenhum gênero com destaque nas opiniões dos alunos. Quanto aos motivos das escolhas dos filmes a serem assistidos, as respostas obtidas também variaram bastante: indo da indicação de amigos e professores, até a recomendação de comentaristas e especialistas na imprensa. Nada que mereça algum destaque especial.

A regularidade com que os alunos vão ao teatro foi outro item abordado pelo questionário. Os resultados desse levantamento, em comparação às idas ao cinema, foram mais negativos ainda (ver anexo 5.6.). Essa frequência constatou ser muito baixa para os padrões culturais desses jovens e de seus familiares. Porém, diferente

da grande oferta de salas de cinema, o número de teatros na região da Barra da Tijuca e arredores é muito reduzido, fato que poderia corroborar para tão baixa frequência. Do total de alunos pesquisados, 34 deles, representando 80,95% afirmaram que raramente vão ao teatro. No outro extremo da pesquisa, apenas 2,38% dos alunos, correspondendo a um aluno apenas, afirmou assistir peças de teatro, pelo menos, duas vezes ao mês. Os demais percentuais podem ser conferidos no gráfico abaixo.

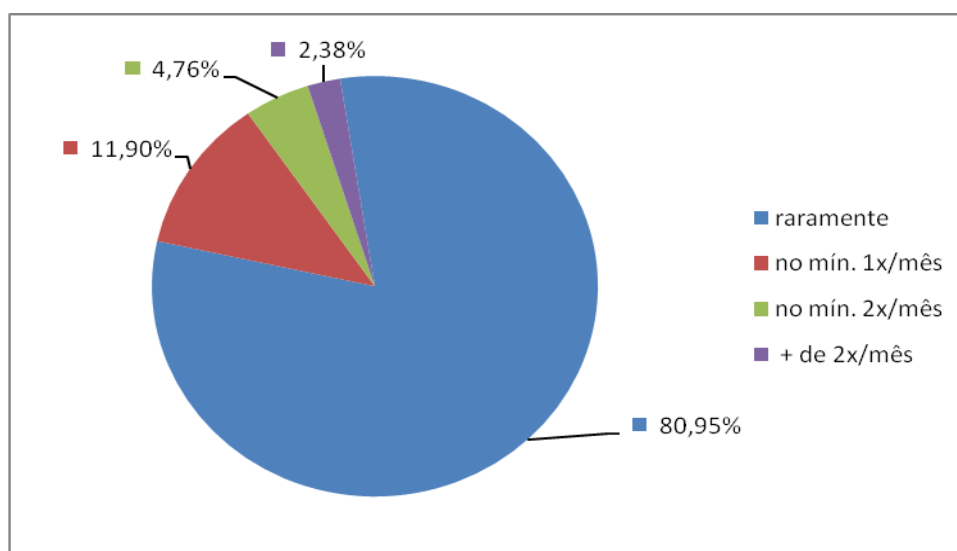


Gráfico 5: **Periodicidade de idas ao teatro**

O último item perguntado aos alunos indagava sobre a frequência com que eles programam alguma outra atividade cultural, incluindo, aí, as visitas a museus, exposições ou idas a *shows* musicais. Do total consultado, 19 alunos, correspondendo a 45,23%, responderam que SIM, e 23 alunos, correspondendo a 54,76%, disseram que NÃO. Alguns dos alunos que responderam positivamente, disseram que costumam ir a *shows* musicais e que raramente vão a museus ou exposições. Segundo alguns desses alunos, o hábito de visitarem museus ou exposições está muito relacionado às atividades programadas pela própria escola e não por iniciativas familiares.

## 5.2. Análise das questões respondidas pelos alunos

Ao todo 42 alunos assistiram à aula expositiva, ao filme, leram os textos auxiliares e responderam às questões que procuraram abordar o tema apresentado pela atividade a ser desenvolvida. Esse questionário compreendeu ao todo 7 questões discursivas e 2 questões objetivas (ver Anexo 4), sendo que em algumas questões foram reproduzidas partes dos textos auxiliares e outros fragmentos de textos, como forma de ajudar os alunos a refletirem melhor sobre cada um dos assuntos abordados.

Os objetivos a serem alcançados por esse questionário eram os de possibilitar aos alunos o diálogo com as várias fontes informativas, servindo como suporte para compreender cada um dos assuntos abordados pelas questões propostas.

Apesar do curto tempo disponível para que se desdobrasse a atividade então desenvolvida, foi possível utilizar o Questionário como uma das avaliações do quarto bimestre letivo, sendo-lhe atribuído uma graduação que variou de Zero à Dez pontos. Essa nota foi acrescida às demais notas obtidas pelos alunos ao longo do último bimestre, servindo para compor suas médias.

O resultado obtido pelos alunos (ver anexo 6), considerados todos os contratempos para a aplicação da atividade, foi bastante satisfatório, haja vista que a maioria dos alunos, num total de 28 (correspondendo a 66,66%) alcançou notas que variaram entre 7,0 e 10,0 pontos, ou seja, acima da média da escola que é 7,0.

O gráfico seguinte permite visualizar os percentuais das notas tiradas pelos alunos, bem como constatarmos o bom rendimento das turmas diante da atividade proposta. Numa primeira análise, podemos aferir que apenas dois alunos alcançaram médias consideradas insatisfatórias, ou seja, abaixo de 5,0 pontos, representando um percentual de 4,76% do total. Na parte superior, considerando-se as notas tiradas acima de 9,0 pontos, 14 alunos obtiveram esse rendimento, o que representa 33,32% do total. O universo de alunos que obteve percentuais de notas satisfatórias e medianas, porém abaixo da média da escola, correspondeu a 61,88%, num total de 26 alunos.

À seguir farei a análise dos resultados por cada questão respondida, permitindo aferir os níveis de compreensão dos assuntos por parte dos alunos.

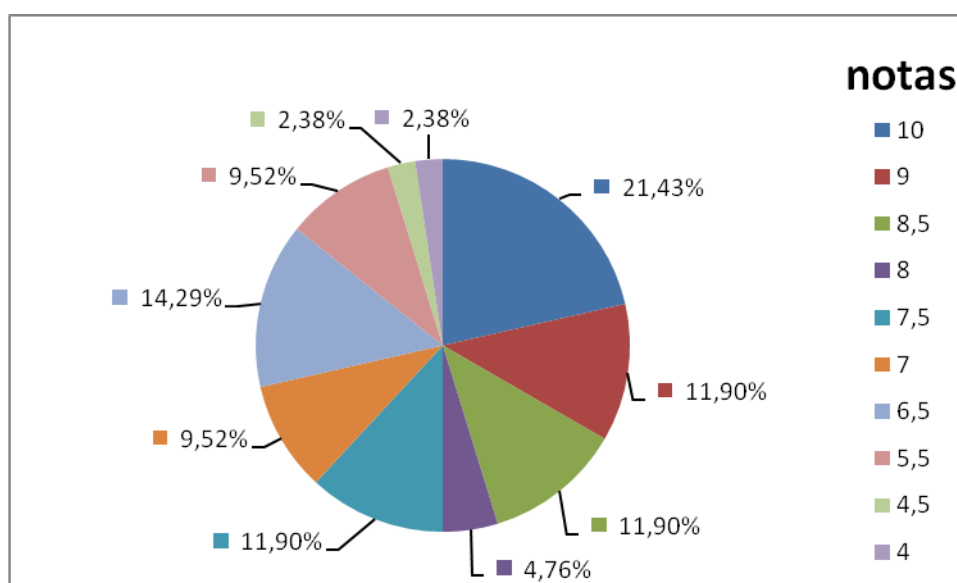


Gráfico 6: **Rendimento/Notas dos alunos nas questões propostas**

Das questões respondidas por eles, a que apresentou o maior índice de erro, tanto parcial, como total, foi a de nº 3, referindo-se aos interesses nos ganhos comerciais e financeiros que a intensa mobilização e chegada dos romeiros promoviam na cidade. Em várias cenas ao longo do filme aparece o “comércio da fé”, com lojas e barracas vendendo todo tipo de produto, destacando os *souvenirs* e lembranças. Talvez os alunos tenham encontrado alguma dificuldade em compreender melhor o que a questão propunha ou, quem sabe, sua formulação não tenha sido bem feita. Aliás, o comentário acerca de como a fé pode se transformar num lucrativo objeto de comércio foi feito por vários alunos, quando da realização do debate e comentário sobre o filme, após sua projeção.

A questão de nº 7, em que procuro abordar sobre as cenas de arquivo histórico, incluídas no filme, em que o Padre Cícero aparece rodeado por seus seguidores, bem como sua importância para atestar a credence dos populares em sua santidade, apenas alguns poucos alunos acabaram respondendo-a completamente. Esses mesmos alunos acabaram ficando no meio do caminho, não conseguindo identificar a importância dos registros imagéticos como registros históricos de uma determinada época. De conteúdo um pouco complexo, talvez pela sua subjetividade, essa questão, no entanto, alcançou seu objetivo ao aferir que a maioria dos alunos conseguiu compreender a importância dessas cenas de arquivo como registro histórico, questionamento feito no início do enunciado.



Quanto às questões 2 e 4, com formulações mais diretas e, portanto, mais objetivas, acabaram sendo respondidas corretamente pela quase totalidade dos alunos. Atribuo esse bom resultado, dentre outros fatores, ao auxílio prestado pelos textos complementares, fundamentais para o desenvolvimento de conhecimentos históricos prévios. Essas questões, em especial, e de forma direta, referiam-se à identificação de cenas dos filmes que retratassem o cotidiano dos romeiros, seja durante a viagem que os levava à Juazeiro do Norte, seja já instalados na cidade. Essas questões procuraram levar os alunos a desenvolverem uma observação mais atenta e detalhada das formas coletivas dos romeiros se portarem, de maneira solidária, com simplicidade e demonstrando muita devoção. Os recursos imagéticos do filme, nesse caso, funcionaram de maneira bastante didática.

A questão de nº 1, constituída de uma questão objetiva e uma discursiva, teve como objetivo levar os alunos a compreenderem a conjuntura política à época em que o filme foi produzido, mais precisamente no final da década de 1960. A parte objetiva da questão referia-se à preocupação dos militares em reprimir as crescentes manifestações oposicionistas. Os alunos conseguiram compreender a questão, respondendo-a de forma satisfatória. Em suas respostas foi possível constatar que eles souberam identificar que o país vivia o momento áureo da Ditadura Militar, com perseguições, prisões, torturas, mortes e desaparecimentos de opositores ao regime. Os alunos souberam identificar, também, a forma como os militares atuavam em relação à censura, numa época em que o Milagre Econômico que se iniciava, ofuscava os olhares menos atentos daquela massa de miseráveis que povoava o sertão nordestino, personagens centrais da região em que se manifestava o Messianismo do “Padinho Ciço”, então captado pelo filme **Visão de Juazeiro**, de Eduardo Scorel. Aos alunos coube identificar, satisfatoriamente, em suas respostas na parte discursiva, a contradição do regime militar ao “permitir” (não censurando) que o filme expusesse a dura realidade da população seguidora do “Santo Padre”, numa região que assegurava a vitória esmagadora do partido governista, a ARENA (Aliança Renovadora Nacional). Esses prévios conhecimentos históricos foram facilitados pela boa compreensão do texto auxiliar que tratou desse contexto histórico.

Quanto às questões 5 e 6, foi possível constatar que os alunos demonstraram conhecer os fatores históricos e conjunturais responsáveis pelo nível de miséria daquela população, levando-a a se apegar às pregações salvacionistas de Padre

Cícero, mesmo após sua morte. Também foi possível aferir que os alunos dominaram conceitos fundamentais para uma melhor compreensão acerca do Coronelismo, seja identificando seus fatores condicionantes históricos, seja identificando suas práticas de sustentação. Nesse caso a questão 6 tratou diretamente desse assunto. Em algumas respostas foi possível perceber que os alunos identificam algumas das práticas do mandonismo político ainda na contemporaneidade de nossa história política. Em algumas respostas foi possível observar que os alunos reconhecem a importância da presença do Estado e de suas políticas públicas, como forma de impedir o exercício do poder paralelo e privado dos coronéis.

Voltando à análise das respostas da questão 5, cuja formulação foi enriquecida por partes do poema clássico **Morte e Vida Severina**, de João Cabral de Melo Neto, o nível de compreensão dos alunos foi bastante satisfatório, seja ao assinalar na parte objetiva a opção que afirma ser a concentração fundiária um dos fatores históricos que contribuem para a completa exclusão e marginalização política da população sertaneja, seja na parte discursiva, em que os alunos desenvolveram sobre a relação entre tais condicionantes históricos e a adoração ao Padre Cícero. Os alunos demonstraram conhecer partes significativas dos motivos que ainda alimentam de fé os romeiros que se dirigem à Juazeiro do Norte.

Considerando o bom nível do conjunto das respostas dos alunos, acredito que objetivos fundamentais propostos pelo trabalho foram alcançados.

## 6. Conclusões

Resguardados todos os limites que a execução da atividade proposta por esse trabalho acabou enfrentando, posso concluir que o mesmo atingiu seus objetivos propostos. Levar os alunos, situados predominantemente no perfil de classes A e B, a refletirem sobre uma realidade tão diversa das suas, quando se propôs analisar o Messianismo praticado pelo Padre Cícero Romão Batista, numa época bem distante da vivida por esses jovens, foi o desafio pretendido. Dialogar com essa realidade, utilizando-se de recursos midiáticos diversos como instrumentais selecionados para viabilizar tal encontro, acredito ter sido o caminho percorrido com sucesso.

Partindo da premissa que as mídias empregadas serviriam como suportes viáveis à realização desse encontro, ao se comparar os olhares sobre as práticas messiânicas de Padre Cícero, pode-se concluir que os alunos souberam utilizar-se de tais recursos midiáticos como suportes fundamentais para a apreensão dos condicionantes responsáveis por alimentar esse movimento social, ainda tão presentes na realidade desse povo sofrido. Com certeza o desenvolvimento da atividade, compreendendo todas as suas etapas, colaborou para estimulá-los à reflexão e à contextualização em nossas aulas.

Dispondo de acessos facilitados às mídias as mais variadas e modernas possíveis, esses jovens também foram despertados para a importância dos “saberes populares” como fontes fundamentais para o conhecimento de fenômenos sociais, como o praticado por Padre Cícero no sertão do Cariri nas primeiras décadas do século passado. O interesse demonstrado pelos alunos foi diretamente proporcional à busca dos conhecimentos históricos prévios, fundamentais para o melhor entendimento do fenômeno do Messianismo Arelado ou Controlado então analisado. Valorizar essas outras modalidades de fontes de pesquisa histórica, oriundas das classes populares, como o caso dos livretos de Cordel, ou até mesmo as manifestações do Teatro de Bonecos Mamulengos, permitiu com que reconhecessem a importância das várias formas de registro de conhecimentos produzidos pelos homens e mulheres, sejam esses os mais simples e humildes possíveis. A Literatura de Cordel, pegando como exemplo o livreto utilizado nesse trabalho, cumpriu seu papel como fonte informativa e formativa.

Partindo do princípio que teria me levado a embasar-me teoricamente, para melhor fundamentar o Projeto História em Foco, posso assegurar que o objetivo foi

satisfatoriamente alcançado. Deparar-me com uma literatura especializada, enfocando o cinema como um importante suporte na busca dos conhecimentos históricos, assim como utilizar-se dos recursos imagéticos produzidos pela “sétima arte”, como auxiliar na busca de tais conhecimentos, demonstrou a enorme viabilidade dessa modalidade de mídia em minhas práticas pedagógicas. Reconhecer a contra-história elaborada pelo cinema como auxiliar ou complementar aos registros escritos, reconhecer seu papel de desvelar outras formas de representação dos fenômenos sociais, segundo Marc Ferro, é reconhecer a importância do cinema como esse objeto de pesquisa, que pode ser muito mais revelador que os tradicionais documentos reconhecidos como históricos. Que esse trabalho também possa contribuir para o reconhecimento dessa nova ciência em que os tais aspectos “não visíveis”, possibilitados pelo cinema, tornar-se-iam objetos de análise da ciência histórica.

Nesse sentido, o filme **Visão de Juazeiro**, de Eduardo Scorel, utilizado como um suporte investigativo sobre o comportamento dos romeiros de “Padinho Ciço”, de suas manifestações de adoração ao “Santo Padre”, bem como do descortinar de um povo sofrido e miserável do sertão nordestino, atendeu às expectativas esperadas. O filme demonstrou-se bastante revelador e informativo, com suas imagens, seus diálogos e seus personagens servindo como objetos de análise histórica.

A realidade daquela população, retratada pelo filme, levou alguns alunos a se lembrarem das cenas em que os romeiros aparecem num filme mais recente, o filme **Central do Brasil** (Direção de Walter Salles, Brasil, 1998). Essa comparação possibilitou aos alunos concluírem o quanto atuais são essas cenas do filme de Scorel, realizado em 1969.

A análise dos dados coletados por esse trabalho permitiu concluir que os limites que as grades curriculares do Ensino Médio apresentam, em especial das turmas de Terceira Série do Ensino Médio, objeto de estudo desse trabalho, devem ser levados em consideração. Dar continuidade ao Projeto História em Foco, socializando-o, servirá como um estímulo e, ao mesmo tempo, como um desafio nem um pouco pequeno ou fácil de ser enfrentado, haja vista o conjunto de outros desafios cotidianos de nossas realidades escolares.

Apesar das peculiaridades apresentadas pelos alunos, à época da realização da atividade, em especial devido ao calendário letivo apertado por conta da

realização dos exames vestibulares, foi possível aferir que os alunos foram instigados a buscar os conhecimentos históricos necessários à compreensão das temáticas abordadas. Os textos auxiliares, trabalhados pelos mesmos, foram capazes de atender às curiosidades e lacunas então surgidas, assim que o tema foi apresentado e exposto em aula. O caráter complementar e auxiliar então exercido pelos textos, pelo Livreto de Cordel, pelo filme exibido e por alguns sites da internet, teve seus objetivos atingidos.

O fato da busca de informações por parte dos alunos, encontrar-se muito mais familiarizada com a internet, não apresentou-se como obstáculo ao diálogo com eles acerca das mudanças de nossa relação com a leitura e a escrita, a partir da Internet. O livro impresso, considerando-se toda a gama de transformações pelas quais essa mídia está sofrendo, em especial a constatação de que seu modo de produção ainda se apresenta lento demais diante das inúmeras mudanças, com sua estrutura ainda considerada rígida demais quando comparada aos inúmeros recursos informatizados, interativos e multimidiáticos eletrônicos, ainda cumpre, satisfatoriamente, seu papel de recurso auxiliar na busca de informações e que, portanto, não deve ser descartado e sim valorizado.

Outro aspecto a ser considerado por esse trabalho refere-se ao perfil sócio-cultural dos alunos. Esse perfil apontou para uma certa limitação de parcelas significativas do grupo pesquisado, no que tange ao acesso ao cinema, ao teatro, à museus ou à exposições. No entanto, essa constatação não impediu ou criou obstáculos maiores para que os alunos se integrassem à atividade com afinco e, portanto, rendessem bem ao responderem as questões propostas sobre todos os assuntos abordados. Nesse ponto da análise dos resultados, caberia apontar para um possível e novo levantamento de dados que pudesse responder a essa possível limitação ou contradição: como aferir que jovens pertencentes à famílias com alto poder aquisitivo, portanto com possibilidades potenciais de acesso às variadas programações culturais, tenham limitadas essas práticas?

Caberia aqui levantar outro questionamento: encontros familiares mais rotineiros supririam essas programações culturais? Pelo menos o fato desse universo bem particular de alunos, facilmente constatado ao longo do desenvolvimento da atividade, encontrar-se comprometido com os exames vestibulares, foi um condicionante que muito interferiu nas respostas deles quanto às suas rotinas e práticas de programações culturais. Um novo levantamento de dados

de um universo de alunos secundaristas, que não esteja tão comprometido com o vestibular, no caso específico de alunos das turmas de Primeira e Segunda Séries, pode apresentar resultados um pouco diferentes dos levantados por esse trabalho. Essa é uma questão que pode ser levantada e respondida numa outra oportunidade.

Ajuda-nos a refletir sobre esses levantamentos feitos por esse trabalho, o fato de serem poucas as escolas no município do Rio de Janeiro, que priorizam em suas grades curriculares, disciplinas mais comprometidas com a formação cultural e artística dos seus alunos. Como exceções poderíamos citar algumas tradicionais escolas religiosas, alguns Colégios de Aplicação e o Colégio Pedro II, instituição em que leciono. Nessa tradicional escola, por exemplo, disciplinas como Educação Musical, Artes Visuais, Desenho e Sociedade e Cidadania, fazem parte da grade curricular regular das turmas do Sexto até o Nono anos. No caso do Ensino Médio do Colégio Pedro II, Artes Visuais e Educação Musical, são disciplinas obrigatórias na Primeira Série. Ainda nesse segmento de ensino da instituição, a disciplina de Desenho está presente na Segunda e Terceira Séries, enquanto Sociologia e Filosofia são obrigatórias nas três séries desse segmento. Grupos de Teatro e de Coral fazem parte da tradição dessa instituição.

Referindo-se à realidade do Colégio Bahiense, unidade Freguesia, objeto de estudo desse trabalho, vale destacar que apenas no Ensino Fundamental, em todas as suas séries, é ministrada a disciplina Educação Artística. No segmento do Ensino Médio, não há nenhuma disciplina que tenha a preocupação voltada especificamente para a formação cultural e artística dos seus alunos. Nesse segmento, atividades culturais, em geral, ou são organizadas pelos professores de Língua Portuguesa, ou por professores das áreas das Ciências Humanas e Sociais, como História, Geografia, Sociologia e Filosofia. Mesmo assim, essas atividades esporádicas restringem-se às turmas da Primeira e da Segunda Séries. No caso específico dos alunos da Terceira Série do Ensino Médio, universo de alunos pesquisado por esse trabalho, ocorre a completa ausência de disciplinas afins ao processo de formação cultural e artística dos alunos. A ênfase na preparação para os vestibulares leva a instituição a priorizar um certo “conteudismo” em seu currículo.

A atividade desenvolvida também permitiu dialogar com os alunos sobre a importância da apropriação social desses novos recursos tecnológicos e midiáticos. O trabalho contribuiu para levá-los a refletirem sobre a importância da expansão da utilização dessas novas mídias, promovendo-se a inclusão digital. Buscou-se levá-

los a pensar e refletir sobre o risco da não apropriação social desses recursos informativos, da importância de se democratizar seu controle, da importância do papel que o Estado deve assumir ao desenvolver políticas públicas inclusivas. Que se amplie a discussão e se busque priorizar o conjunto de valores que fuja à lógica meramente de mercado, portanto competitiva e individualista.

## 7. Bibliografia

- **ABREU**, Márcia Abreu. **A biblioteca e a feira – considerações sobre a literatura de folhetos nordestina**. IN: **A Historiografia Literária e as técnicas de escrita. Do manuscrito ao hipertexto**. Organizadores: Flora Sussekimg e Tânia Dias. Edições Casa de Rui Barbosa. 1ª edição. RJ. 2004.
- **Academia Brasileira de Literatura de Cordel**, ver em: [www.ablc.com.br](http://www.ablc.com.br)
- **CARR**, Edward Hallet. **Que é História?** Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra. 1976.
- **Cia Carroça de Mamulengo**, em: <http://www.carrocademamulengos.com.br/>
- **CONY**, Carlos Heitor. **“O fim do livro e a eternidade da literatura”**. Jornal Folha de São Paulo, 08/09/2000.
- **DIAS**, Cláudia Augusto. **Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais**. Jornal da Informação. Vol. 28, n. 3, p. 269-277, set./dez. 1999.
- **DÓRIA**, Carlos Alberto. **O Cangaço**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1982 (Coleção tudo é história).
- **DUARTE**, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica. 2002.
- **FERRO**, Marc. **Cinema e História**. São Paulo. Paz e Terra. 2ª edição. 2010.
- **FILHO**, Américo Pellegrini. **Literatura de Cordel continua viva no Brasil**. 2008. Pavilhão Literário Cultural Singrando Horizontes. Ver em: [www.singrandohorizontes.blogspot.com/2008/11/amrico-pellegrini-filho-literatura-de.html](http://www.singrandohorizontes.blogspot.com/2008/11/amrico-pellegrini-filho-literatura-de.html)
- **FISCHER**, Rosa Maria Bueno. **Mídia, máquinas de imagens, e práticas Pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação, v 12, 35, p. 290-299, maio/ago. 2007.
- **FRESQUET**, Adriana Mabel. **Fazer cinema na escola: pesquisa sobre as Experiências de Alain Bergala e Núria Aidelman Feldman**. UFRJ GT-16: Educação e Comunicação, ANPED 2008.
- **FRIGOTTO**, Galdêncio. **Educação e a Crise do Capitalismo Real**. Cortez Editora. 5ª Edição. São Paulo. 2003.
- **GASPARI**, Elio. **A Ditadura Escancarada. As Ilusões Armadas**. Parte II (A Derrota), “O Milagre e a mordança”. Cia das Letras. SP. 2002. p. 207, 208, 209 e 210.
- **HOLANDA**, Heloísa Buarque de. IN: **Perspectiva Capiana. Revista de**



**Pesquisa, Ensino e Extensão do CAP-UFRJ.** Nº 6. Rio de Janeiro. RJ.



Novembro 2009. Páginas 3, 4 e 5.

- **JANOTTI**, Maria de Lourdes Mônaco. **O Coronelismo, uma política de compromissos.** 2ª Edição. Coleção Tudo é História. Brasiliense. 1881. p. 41, 42, 45, 56, 57 e 58.
- **LUCENA**, Bruna Paiva de. **Da Tipografia aos parques gráficos: O cordel e a problemática do campo literário.** Boitatá, Revista do GT de Literatura Oral e popular da ANPOLL. 2008.
- **MACHADO**, Arlindo. **Fim do Livro?** IN: **Revista de Estudos Avançados da USP.** Vol. 8. Nº 21. São Paulo. Maio/Agosto de 1994.
- **MEDEIROS**, Daniel H. de. **Padre Cícero, O Santo do Povo?** Editora do Brasil S/A. SP. 1989. p. 13, 14, 15, 23).
- **MORETTIN**, Eduardo. (Org.) **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro.** IN: **História e Cinema.** Alameda Casa Editorial. São Paulo. 2007.
- **NENER**, Sylvia. **Glauber Rocha e a Literatura de Cordel: uma relação intertextual.** Edições Casa de Rui Barbosa. RJ. 2007.
- **QUEIROZ**, Doralice Alves de. **“Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino no cordel”** In: Anais do XI Seminário Nacional Mulher e Literatura e II. Seminário Internacional Mulher e Literatura ANPOLL. CD- ROM – agosto 2005.
- **SILVA**, Gonçalo Ferreira da. **Cordel: O Evangelho Primeiro do Padre Cícero Romão.** ABLC (Associação Brasileira de Literatura de Cordel). Digitalizado em maio de 2005.
- **VIANA**, Arievaldo. **PADRECÍCERO – O SANTO DO POVO.** Edições Demócrito Rocha de Fortaleza. Sem data.

## 8. Anexos

### Anexo 1: Algumas atividades desenvolvidas no Projeto “História em Foco”

#### Anexo 1.1.

		<b>COLÉGIO PEDRO II – U. E. ENGENHO NOVO II</b> <b>HISTÓRIA – 1ª SÉRIE – HISTÓRIA EM FOCO</b> <b>Avaliação em dupla baseada no filme “1492, a</b> <b>Conquista do Paraíso” - VALOR: 3,0 PONTOS</b>			
Prof. Edelson Rocha		Coord. Adjovanes Thadeu		TURMA:	
NOMES:				Nº:	
NOTA:					



Dirigido por Ridley Scott, o filme **1492, a conquista do paraíso** retrata a viagem de Cristóvão Colombo, que acreditava ser possível atingir "el levante por el poniente", ou seja, o Oriente navegando para o Ocidente. A odisséia de Colombo está presente no filme através do cotidiano desgastante, dos motins da tripulação e de toda incerteza que cercava uma expedição daquela época quanto ao rumo e ao prosseguimento da viagem.

Sem apoio financeiro de Portugal, a maior potência da época, Colombo dirigiu-se à Espanha e associou-se aos irmãos Pinzon, recebendo ainda uma ajuda dos reis católicos Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Com uma nau (Santa Maria) e duas caravelas (Pinta e Nina), o navegador de origem controversa (genovês ou catalão) partiu do porto de Palos em 3 de agosto de 1492, fazendo escala nas ilhas Canárias para reparo de uma das embarcações. Em 12 de outubro do mesmo ano avistou a ilha de Guanani (atual São Salvador). Sem duvidar que estava no Oriente, realizou ainda mais quatro viagens, tentando encontrar os mercados indianos.

O filme focaliza também o espírito vanguardista de Colombo, suas negociações com a coroa espanhola e a tentativa de estabelecer colônias na América, retratando até a velhice, aquele que é considerado um dos navegantes mais ousados de sua época.

#### Questões Propostas

1) Nos primeiros 20 minutos de filme, o telespectador é lançado no fascinante contexto histórico do momento em que a Coroa espanhola toma a iniciativa de investir no projeto das navegações oceânicas.

**Identifique** os elementos de natureza política, econômica e cultural, apresentados no filme, que contribuíram para a realização das Grandes Navegações dos séculos XV e XVI. (0,5)

---



---



---

2) A partir do papel desempenhado pela rainha Isabel e do banqueiro Santangel, representados no filme, **analise** os interesses do Estado e da burguesia na Expansão Marítima. (0,5)

---

---

---

---

3) **Descreva** as condições encontradas nas embarcações que cruzaram os oceanos nos séculos XV e XVI, **destacando** a prática da higiene pessoal, alimentação, meios de orientação náutica, e as tensões que envolvem a tripulação. (0,5)

---

---

---

---

4) **Explique** como o diretor Ridley Scott representou o momento do primeiro contato entre os povos nativos do “Novo Mundo” e os europeus: das impressões iniciais às relações que se estabeleceram em seguida. (0,5)

---

---

---

---

5) Até o fim de seus dias, Colombo acreditava ter chegado às terras do Oriente, mesmo com várias provas de seu equívoco. Isso, entretanto, não fez diferença ao fato de que a viagem de Colombo “simbolizou a Conquista”. **Explique** por quê. (0,5)

---

---

---

---

6. **Que fatores** podem explicar a forte presença da Igreja Católica no Estado espanhol, à época das Grandes Navegações? **Que acusações** a Igreja Católica fazia aos planos de Colombo? (0,5)



---

---

---

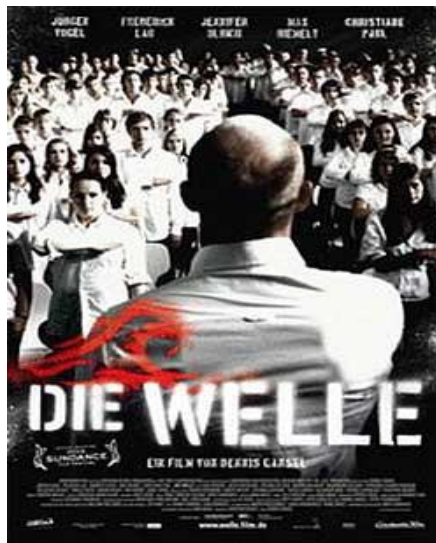
---

## Anexo 1.2.

 <b>COLÉGIO PEDRO II – U. E. ENGENHO NOVO II</b> <b>HISTÓRIA – 9º ANO – HISTÓRIA EM FOCO</b> <b>Avaliação em dupla baseada no filme “A ONDA”</b> <b>(VALOR: 3,0 PONTOS)</b>			
Prof. Edelson Rocha	Coord. Adjovanes Thadeu	TURMA: 009	NOTA:
NOMES:		Nº:	

### O filme "A Onda" numa perspectiva educacional

Lançado exclusivamente para a televisão alemã, **A Onda** é um filme intrigante para trabalhar questões contemporâneas sobre educação, história, filosofia e política.



Dirigido por Denis Gansel, **A Onda** traz a seguinte trama: Rainer Wegner, professor, deve ensinar seus alunos sobre autocracia. Devido ao desinteresse deles, propõe um experimento que explique na prática os mecanismos do fascismo e do poder. Wegner se denomina o líder daquele grupo, escolhe o lema “força pela disciplina” e dá ao movimento o nome de "A Onda". Em pouco tempo, os alunos começam a propagar o poder da unidade e ameaçar os outros. Quando o jogo fica sério, Wegner decide interrompê-lo. Mas é tarde demais, e **A Onda** já saiu de seu controle. O filme é baseado em uma história real ocorrida na Califórnia em 1967.

Baseado em seus conhecimentos e no filme assistido, **descreva** os fatores que contribuíram para que o prof. Wegner conseguisse alcançar tamanha liderança sobre os alunos, **relacionando-os** às condições históricas que favoreceram à ascensão do Nazismo.

---



---



---



---



---



---





---



---

## Anexo 1.3.

		<b>COLÉGIO PEDRO II – U. E. ENGENHO NOVO II</b> <b>HISTÓRIA – 1ª SÉRIE – HISTÓRIA EM FOCO</b> <b>Avaliação em dupla baseada no filme “LUTERO”</b> <b>(VALOR: 3,0 PONTOS)</b>			
Prof. Edelson Rocha		Coord. Adjovanes Thadeu		TURMA:	
NOMES:				Nº:	
NOTA:					

O filme retrata a vida de Martinho Lutero desde que fez voto de castidade com a Igreja Católica, em 1507, até os acontecimentos de 1530, em Augsburg. O motivo foi a publicação de 95 teses que condenavam a venda de indulgências feita pela igreja.

Após pregar em uma igreja suas 95 teses, Lutero passa a ser perseguido. Pressionado para que se redima publicamente, Lutero se recusa a negar suas teses e desafia a Igreja Católica a provar que elas estejam erradas e contradigam o que prega a Bíblia. Excomungado, Lutero foge e inicia sua batalha para mostrar que seus ideais estão corretos e que eles permitem o acesso de todas as pessoas a Deus.



A liberdade e a igualdade dos homens e das mulheres talvez seja a interrogação mais fundamental do filme. Lutero é a expressão da modernidade que começa a surgir no mundo no século XVI, valorizando a subjetividade e ajudando a humanidade a reconhecer o valor da liberdade individual.

**Questão 1**

**Descreva** as características da sociedade “alemã”, à época em que surgiu o movimento reformista luterano. (0,6)

---



---



---



---



---



---

**Questão 2**

**Descreva** as práticas abusivas cometidas pela Igreja Católica retratadas ao longo do filme. (0,6)

---

---

---

---

---

---

**Questão 3**

**Caracterize** a Revolta Camponesa ocorrida à época. (0,6)

---

---

---

---

---

**Questão 4**

**Qual** o significado do suicídio do menino da comunidade em que Lutero se instalou? (0,6)

---

---

---

---

---

**Questão 5**

**O que foi** a Paz de Augsburg? (0,6)

---

---

---

---

---



Anexo 1.5.



**PROJETO HISTÓRIA EM FOCO**  
**Avaliação em dupla baseada no filme: CARLOTA JOAQUINA**  
**(Valor: 3,0 PONTOS)**

Aluno: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_  
 Aluno: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

1. *“Naqueles dias de fins de novembro não havia tempo a perder. Dizia-se por todos os cantos de Lisboa que Napoleão Bonaparte havia se cansado das indecisões de D. João (...). Acuada entre as armas francesas e os canhões da esquadra inglesa, (...) a família real decidiu fugir para a colônia americana.”*

(Mattos, Ilmar Rohloff. e outros. O Rio de Janeiro, Capital do Reino. Atual Editora. p.10)

a) **O que** a França esperava alcançar ao decretar o Bloqueio Continental? (0,25)

---

---

---

---

---

b) **Qual** era a preocupação inglesa, caso Napoleão invadisse Portugal? (0,25)

---

---

---

---

---

2. *“Mas pelo porto também chegavam à cidade outras pessoas. (...) Mas por que tudo isso estava acontecendo? Por quais razões aquela ‘porta’ voltada para o mundo exterior ficava permanentemente aberta agora?”* (Mattos, Ilmar Rohloff. e outros. O Rio de Janeiro, Capital do Reino. Atual Editora. p.13)

Com o decreto assinado por D. João, ainda em Salvador, no dia 28 de janeiro de 1808, fazendo com que a “porta” voltada para o mundo exterior passasse a ficar permanentemente aberta, outras restrições impostas pelos portugueses aos colonos e colonizados também acabaram ou diminuíram bastante.

a) **Identifique** o decreto citado acima. (0,25)

---

---

b) **Explicita duas outras restrições** ou proibições que chegaram ao fim, assim que a Corte portuguesa instalou-se no Brasil. (0,25)

---

---

---

---

---

---

---



3. *“Para os membros da família real, nobres, funcionários (...) vindos do Velho Mundo, a grande novidade era a cidade e seus habitantes. (...) A cidade do Rio de Janeiro os atraía; mas também lhes causava insegurança e medo.”*

(Mattos, Ilmar Rohloff. e outros. O Rio de Janeiro, Capital do Reino. Atual Editora. p.13)

**O que atraía e o que causava medo** nos nobres e demais pessoas que chegaram junto com a Corte ao Rio de Janeiro? (0,5)

---



---



---



---



---



---

4. *“Funcionários, comerciantes e colonos queriam ser ‘amigos do rei’. (...) Os ‘amigos do rei’ dominavam a Corte. A Corte parecia só existir para atender aos seus interesses.”*

(Mattos, Ilmar Rohloff. e outros. O Rio de Janeiro, Capital do Reino. Atual Editora. p. 25)

**Que vantagens** funcionários e comerciantes portugueses, bem como os colonos, esperavam ganhar estando próximos ao rei? (0,5)

---



---



---



---



---



---

5. *“Como acontece em quase todas as épocas, muitos gostavam das mudanças que ocorriam; outros, nem tanto. (...) No entanto, se muita coisa mudara, outras permaneceram como antes.”*

(Mattos, Ilmar Rohloff e outros. O Rio de Janeiro, Capital do Reino. Atual Editora.p. 36 e 37)

**Cite**, pelo menos, duas dessas permanências. (0,5)

---



---



---



---



---



---

6. **De que forma** as notícias vindas de Portugal, a partir de agosto de 1820, ameaçavam as conquistas obtidas pelo Brasil com a administração Joanina? (0,5)

---



---



---



---



---



---

## Anexo 2: Questionário sócio-econômico e cultural.



História – Profs. MARCOS/EDELSON – Turmas M31 E M32

**QUESTIONÁRIO SOBRE O PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO E CULTURAL**

1. Sua idade é \_\_\_\_\_ anos e o sexo é:
  - ( ) Masculino;
  - ( ) Feminino.
  
2. A renda mensal familiar situa-se na faixa:
  - ( ) até 2 salários mínimos ( até R\$1.020,00), Classe E;
  - ( ) entre 2 e 4 salários mínimos (de R\$1.020,00 até R\$2.040,00), Classe D;
  - ( ) entre 4 e 10 salários mínimos (de R\$2.040,00 até R\$5.100,00), Classe C;
  - ( ) entre 10 e 20 Salários Mínimos (R\$5.100,00 até R\$10.200,00), Classe B;
  - ( ) acima de 20 Salários Mínimos (acima de R\$10.200,00), Classe A.
  
3. Quantas pessoas moram na residência?
  - ( ) até três pessoas;
  - ( ) até quatro pessoas;
  - ( ) até cinco pessoas;
  - ( ) mais de cinco pessoas.
  
4. Na sua residência tem computador ou laptop/notebook?
  - ( ) Sim ( ) individual ( ) compartilhado com irmãos ou pais.
  - ( ) Não
  
5. Você acessa computador regularmente?
  - ( ) pelo menos uma vez na semana
  - ( ) pelo menos duas vezes na semana
  - ( ) pelo menos três vezes na semana
  - ( ) mais de três vezes na semana
  
6. Quantas horas você utiliza diariamente o computador?
  - ( ) até meia hora;
  - ( ) até uma hora;
  - ( ) até duas horas;
  - ( ) até três horas;
  - ( ) mais de três horas
  
7. Você utiliza regularmente seu computador para (pode assinalar mais de uma opção):
  - ( ) produção de textos; Cite programas mais usados: \_\_\_\_\_
  - ( ) navegação para pesquisa; ( ) sempre ( ) raramente ( ) só para trabalho escolar
  - ( ) sites de relacionamento; Cite alguns: \_\_\_\_\_

- ( ) BLOGS; Cite alguns: \_\_\_\_\_  
( ) comunicação via E-MAIL, MSN ou ORKUT;

8. Quantas vezes você costuma ir ao cinema?

- ( ) uma vez por mês;  
( ) duas vezes por mês;  
( ) três vezes por mês;  
( ) quatro vezes por mês;  
( ) mais de quatro vezes por mês;  
( ) especifique outra periodicidade (de vez em quando, nunca, etc):  
\_\_\_\_\_

9. Comente sobre que tipo de filme que você prefere, ou como você escolhe o que vai ver.

---

---

---

---

---

---

10. Quantas vezes você costuma ir ao teatro?

- ( ) pelo menos uma vez por mês;  
( ) pelo menos duas vezes por mês;  
( ) mais de duas vezes por mês.  
( ) especifique outra periodicidade (de vez em quando, nunca, etc): \_\_\_\_\_

11. É comum sua família planejar alguma outra atividade cultural, como visitar museus, exposições ou assistir a shows musicais?

- ( ) Sim; ( ) Não.

Comente quando isso costuma ocorrer, cite exemplos:

---

---

---

---

---

---

Anexo 3: **Textos auxiliares ao desenvolvimento da atividade proposta.**

**Projeto HISTÓRIA EM FOCO**  
**História – Professores MARCOS/EDELSON – Turmas M31 E M32**

**Aluno:** \_\_\_\_\_ **Turma:** \_\_\_\_\_

### Texto I

“A Copa do Mundo era brasileira. O caneco de ouro maciço que vinte anos antes, em 1950, o uruguaio Obdulio Varela erguera no Maracanã diante de 200 mil brasileiros acabrunhados, acabava de ser literalmente conquistado pelos canarinhos. Três vezes campeão mundial de futebol, o Brasil ficara com a taça. O país cantava:

*Noventa milhões em ação,  
 pra frente, Brasil  
 do meu coração. (...)  
 Salve a seleção.*

Nunca se vira algo igual. Fora a primeira Copa transmitida ao vivo, e as multidões vitoriosas iam às ruas com os versinhos patrióticos que empurravam as transmissões dos jogos. Médici abriu os jardins do Palácio Alvorada e saiu em mangas de camisa, com uma bandeirinha na mão e uma bola no pé. (...)

Vivia-se um ciclo de crescimento inédito na história nacional. Desde 1968 a economia mostrara-se não só revigorada, mas também reorientada. O ano de 1969 fechara sem deixar margem a dúvidas: 9,5% de crescimento do Produto Interno Bruto, 11% de expansão do setor industrial e inflação estabilizada pouco abaixo dos 20% anuais. (...) O Brasil tornara-se a décima economia do mundo, oitava do Ocidente, primeira do hemisfério sul. (...)

Os dados do censo de 1970, que acabavam de ser coletados, informariam que a renda nacional passara por uma profunda modificação nos últimos dez anos. A faixa dos 5% mais ricos aumentara sua participação na renda em 9% e detinha em suas mãos 36,3% da renda nacional. Já a faixa dos 80% mais pobres diminuía sua participação em 8,7% em relação ao que tinha em 1960 e ficara com 36,8% da renda. (...)

Ao êxito econômico não correspondeu progresso político algum. Pelo contrário, entendeu-se que a ditadura era, se não a causa, indiscutivelmente a garantia da prosperidade. O controle da imprensa desempenhou um papel essencial na cantata desse ‘Brasil Grande’ e na supressão dos conflitos que abrigava. Quando Pelé cabeceou para Jairzinho, esse processo de controle já estava concluído, depois de seis anos de truculências, manhas e seduções.”

**(GASPARI, Elio. A Ditadura Escancarada. As Ilusões Armadas. Parte II (A Derrota), “O Milagre e a mordça”. Cia das Letras. SP. 2002. p. 207, 208, 209 e 210)**

Esse texto refere-se ao período áureo da Ditadura Militar, fase em que a repressão e censura eram rígidas. Foi nesse contexto, de fechamento do regime, que se produziu o filme **Visão de Juazeiro**. O texto permitirá aos alunos fazerem o seguinte

questionamento: o que teria levado os militares a não censurarem por completo a realização desse filme, haja vista o mesmo retratar a dura e miserável vida da população sertaneja nordestina?

## Texto II

“O Coronel nem sempre era um grande fazendeiro. Mas era um chefe político, de reconhecido poder econômico, que conseguira apoio e prestígio junto ao governo estadual, na razão direta de sua competência em garantir eleições situacionistas.

Portanto, o coronelismo não foi apenas uma extensão do poder privado, mas o reconhecimento da força de alguns mandatários pelo beneplácito do poder público.

O característico Coronel foi, por muito tempo, um fazendeiro, possuidor de várias propriedades, em diversos distritos. (...)

A esmagadora maioria da população rural sempre foi abandonada pelo poder público, ficando à mercê da autoridade discricionária daqueles que sempre dispuseram e usufruíram da posse da terra. Sobre os habitantes dos pequenos centros urbanos pesavam as mesmas condições gerais de violência que presidiram na sociedade.

O trabalhador rural, habitante das terras do fazendeiro, entregava ao proprietário quase a totalidade do fruto do seu labor. (...) A insegurança era uma constante na vida do trabalhador rural. (...)

Os historiadores não chegaram a um consenso no que diz respeito às relações entre autonomia municipal e a autoridade coronelística. Leal (1975) defende a posição de que quanto mais fraca a autoridade municipal, mais forte era o poder coronelístico. (...)

Um dos pontos interessantes de serem notados é o reconhecimento tácito que a comunidade tem da autoridade do Coronel. Abandonada pelos poderes públicos no que se refere à saúde, à justiça e à instrução, pois o município não tinha condições de atendê-la, via o Coronel como protetor natural.

As instituições públicas e administrativas, em seu caráter impessoal, estavam longe de ser compreendidas pelo homem do campo. Os poderes da República eram personificados no presidente, no governador, nos deputados. Assumia o coronelismo uma conotação de ‘direito natural’ do mais forte e do mais rico. Ser rico entre os pobres, não era ser rico no sentido absoluto. Dependendo dos recursos econômicos da região, o Coronel podia ser apenas um pequeno fazendeiro, ou um latifundiário cuja sólida fortuna provinha de atividades bancárias ou mercantis. (...)

Sobre toda pequena sociedade desce seu véu ‘protetor’; o chefe da estação, o telegrafista, o tabelião, o pároco, o farmacêutico, o comerciante, o médico, o advogado sofrem, direta ou indiretamente, o jugo de seu prestígio.”

(**JANOTTI**, Maria de Lourdes Mônaco. **O Coronelismo, uma política de compromissos**. 2ª Edição. Coleção Tudo é História. Brasiliense. 1981. p. 41, 42, 45, 56, 57 e 58)

Esse texto, considerado um clássico da historiografia brasileira, possibilita uma nítida compreensão do fenômeno político, social e econômico em que se insere o Coronelismo. É nesse cenário maior que Padre Cícero destacou-se como figura política respeitável no sertão do Cariri cearense.

### Texto III

“A predestinação religiosa parecia traçar a vida do jovem cearense nascido em Crato, em 24 de maio de 1844. (...) Aos dezoito anos, o jovem Cícero teria a sua primeira visão. Após a morte do pai, que sofrera os azares de uma epidemia de cólera, este o visitaria em sonho para certificar-se de que Cícero ‘não abandonaria os seus livros, pois Deus daria o jeito de fazê-lo prosseguir os seus estudos’. Este seria o seu principal passo para ingressar no sacerdócio. Relatando o episódio ao seu padrinho, o jovem religioso conseguiria deste os meios necessários para atender a seu pai, ingressando no seminário de Fortaleza. Não muito brilhante em suas notas, porém reverenciado pelos colegas ‘como um homem de singular e indelével vocação para a santidade’, Cícero Romão Batista se vê ordenado padre e, aos vinte e seis anos, começaria a sua caminhada em direção à glória e ao poder que, possivelmente, jamais cobiçou. (...)

Determinado a cumprir a missão confiada a ele por Cristo, Cícero Romão Batista mudar-se-ia para o Juazeiro para assumir a sua capelania (abandonada há anos), em 11 de abril de 1872. O padre, que trouxera consigo sua mãe e duas irmãs solteiras, viria estabelecer-se em uma pequena casa em frente à capela de Nossa Senhora das Dores, da qual tornara-se capelão. Dali, da janela da choupana, entre os pobres, o Padre Cícero procurava seguir a sua sina, e nesse trajeto, com sua humildade e espírito bondoso, logo cativaria a população local, que via nele um homem enviado por Deus para redimi-la de seus pecados e para livrá-la de seus sofrimentos.

Essa caracterização de Cícero, em grande parte devido à sua falta de vaidade, às vestes e ao dinheiro, seria a gênese do processo que desembocaria no milagre e na alegação de sua santidade. (...)

As características econômicas e sociais e o processo de desgaste do sistema pré-capitalista, aliados às peculiares condições climáticas da região, permitiram desenvolver esse cenário de ‘espera-se um messias’. O Padre Cícero seria a encomenda desejada; o milagre de 1889, a comprovação de que os pedidos dos sertanejos desesperados haviam sido atendidos (...)

A população sertaneja sofria os reveses de outra seca furiosa e o sentimento de revolta do povo estava prestes a explodir. Sem encontrar outras razões para toda aquela série de desgraças, apoiavam-se nos milagres e em seus fazedores, na esperança de que se pudesse, assim, com a graça divina, resolver parte de seus problemas temporais. Cícero, além disso, trazia em si a marca de todo o sertão; a insubmissão às autoridades competentes, sempre tão morosas e parciais no trato com a população. O padre identificava-se assim com os sertanejos, e suas ações rebeldes insuflavam mais ainda a admiração e o respeito pelo padre do Cariri. O papel por ele desempenhado, a partir de então, quando a Igreja não mais se importava com os seus milagres (já que deixavam de existir, pelo menos em sua forma mais aguda), seria o de conservar o nível de rebeldia da população de Juazeiro em graus não perigosos. Os latifundiários e comerciantes, muitas vezes inimigos, juntavam-se na certeza de que (...) a multidão em torno do Padre Cícero possuía pela sua própria natureza um caráter subversivo, e que o padre era por isso, um freio indispensável àquela situação. Esta liderança forçada moldaria o novo Cícero. De beato a coronel de batina, a história, porém, far-nos-á trilhar, ainda, algumas explicações importantes...”

(MEDEIROS, Daniel H. de. **Padre Cícero, O Santo do Povo?** Editora do Brasil S/A. SP. 1989. p. 13, 14, 15, 23)

Livro para-didático, destinado especificamente ao público jovem estudante do Ensino Médio, retrata a biografia do Padre Cícero. Esse texto, de forma resumida, possibilita ao aluno conhecer informações precisas acerca da trajetória do Padre Cícero, desde seu nascimento, passando pela ordenação religiosa e mudança para a cidade de Juazeiro, até seu reconhecimento como “milagreiro” e grande líder político da região do Cariri.

#### **Texto IV**

Cordel: **O Evangelho Primeiro do Padre Cícero Romão**

Autor: Gonçalo Ferreira da Silva (ABLC)

“Um num milhão de habitantes  
É possível que conteste  
os supremos atributos,  
o divino dom celeste,  
do santo do Juazeiro  
e Deus de todo o Nordeste.

(...)

Teve a cidade do Crato  
a grande felicidade  
de servir de berço à uma  
grande personalidade  
o arauto de justiça  
e farol da humanidade.

(...)

Cícero logo em criança  
mostrava ao povo local  
nos moldes, nas atitudes  
prodigioso sinal  
no seu sentimento humano  
vocação sacerdotal.

(...)

Nas pregações, padre Cícero  
logo no primeiro ano  
usou um estilo novo;  
embora nobre e humano  
arranhou a vaidade  
do austero Vaticano.

(...)

Seus milagres, todavia,  
tão propagados no norte  
onde dizem que pensando  
no grande padre dão sorte  
ganharam mais fama e vulto  
bem depois de sua morte.

Foi em mil e oitocentos

e setenta e sete o ano  
da devastadora seca  
da fome e do desengano  
que o padre Cícero teve  
um compromisso humano.

(...)

O que ele recebia  
dos ricos da redondeza  
dividia entre os pobres  
com tal noção de nobreza  
que deixava satisfeitos  
os ricos e a pobreza.

(...)

Com essa força mental  
para o bem posta em ação  
ele previa o futuro  
com tamanha exatidão  
que pode ser tido como  
o Deus de todo o sertão.

(...)

Pois não falam a mesma língua  
política e religião  
enquanto a segunda prega  
amor, paz e união  
a primeira fala a língua  
do ódio e da ambição.

Nosso grande sacerdote  
candidatou-se a prefeito;  
não carece repetir  
que foi amplamente eleito  
mas muitos religiosos  
não acharam isso direito.

(...)

Para que um grande vulto  
vitorioso se sagre  
na vida sacerdotal  
ganhe fama e se consagre  
haverá de ser a custo  
de trabalho e de milagre.

Dizem os historiadores  
extremamente sensatos  
que as previsões do padre  
todas resultaram em fatos  
ante a incredulidade  
dos olhares mais ingratos.

(...)

A notícia do milagre  
logo se espalharia  
por aquelas redondezas  
e depois daquele dia



cresceu espantosamente  
a imensa romaria.

(...)

Juazeiro é hoje em dia  
ponto de concentração  
de pessoas que movidas  
por sentimento cristão  
agradecem e pedem ajuda  
ao padre Cícero Romão.

(...)

E vinte de julho de  
trinta e quatro foi um dia  
em que o velho nordeste  
tristonhamente sabia  
que o santo do Juazeiro  
na paz dos justos morria.

Através desse livreto de Cordel, será possível levar aos alunos esse tipo de literatura popular, que descreve, de forma original, o sentimento popular sobre a “santidade” de Padre Cícero. Possibilitar aos jovens alunos que mantenham contato com esse tipo de documento histórico, apesar de seus convívios com toda a modernidade tecnológica, é incentivá-los a valorizar outras modalidades de registros do conhecimento humano, por mais simples e originais que possam parecer.

Anexo 4: **Questões respondidas pelos alunos sobre os assuntos abordados.**

**História – Profs. MARCOS/EDELSON – TURMAS M31 E M32**  
**Projeto HISTÓRIA EM FOCO**  
**Filme: Visão de Juazeiro. Dirigido por Eduardo Escorel.**

Aluno: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_

**Questões Propostas**

1. No período em que o Brasil foi dirigido por governos militares (1964 – 1985), a decretação do AI-5 (Ato Institucional número 5), em 13 de dezembro de 1968, representou um "endurecimento" do regime instalado em 1964. As ações repressivas adotadas pelos militares, à época, voltavam-se contra: (1,0)

- a) a inquietação dos setores militares favoráveis à redemocratização;
- b) a ação dos grupos de oposição, que trocaram a luta armada pela oposição parlamentar ao regime;
- c) a manutenção da liberdade de imprensa e da livre atuação da classe artística, em geral;
- d) a crise econômica resultante do esgotamento do milagre brasileiro;
- e) as crescentes manifestações oposicionistas de líderes políticos, estudantes e intelectuais contra o regime.

Considerando-se o contexto histórico da época em que o filme foi produzido (1969), **aponte os fatores políticos** que podem ser considerados como adversos à execução do filme, se consideramos que o mesmo retrata a vida miserável de parcelas significativas da população nordestina? (1,0)

---



---



---



---



---

2. Analise a abordagem feita pela estrofe do livreto de Cordel “O Evangelho Primeiro do Padre Cícero Romão”, autoria de Gonçalo Ferreira da Silva, apresentada abaixo:

*“Juazeiro é hoje em dia  
 ponto de concentração  
 de pessoas que movidas  
 por sentimento cristão  
 agradecem e pedem ajuda  
 ao padre Cícero Romão.”*

Partindo da análise da estrofe acima e da primeira parte do filme em que apresenta a viagem dos romeiros à cidade de Juazeiro do Norte, animada por cânticos e ladainhas entoadas pelos mesmos, **descreva** o cotidiano da vida dessa gente simples nordestina que pode ser apreendida pelas imagens e pelo Cordel? (1,0)

---



---

---



---



---

3. A análise de outra estrofe do Cordel citado na questão anterior, destacada abaixo, pode ser associada às cenas em que os romeiros chegam à cidade de Juazeiro do Norte. O chegar à cidade, sinalizado pelo estalar dos fogos de artifício, demonstra a alegria, tanto dos que chegam, quanto dos que recebem com hospitalidade os visitantes. **Que relações podem ser estabelecidas** entre os dizeres do Cordel e os interesses tão evidentes que podem ser apreendidos desses que recebem seus visitantes. (1,0)

*“Um num milhão de habitantes  
É possível que conteste  
os supremos atributos,  
o divino dom celeste,  
do santo do Juazeiro  
e Deus de todo o Nordeste.”*

---



---



---



---

4. O instalar-se na cidade por parte dos romeiros, demanda muita arte e criatividade, muito característicos de parcelas populares da sociedade brasileira. **Descreva** algumas dessas cenas em que aparecem as “criativas formas de ser” desses romeiros do “Santo Padre”. (1,0)

---



---



---



---

5. Leia e analise o poema abaixo, leia a questão proposta e responda o que se pede.

*“Essa cova em que estás,  
com palmos medida,  
é a conta menor  
que tiraste em vida.*

*É de bom tamanho,  
nem largo nem fundo,  
é a parte que te cabe  
deste latifúndio.*

*Não é cova grande,  
é cova medida,  
é a terra que querias  
ver dividida.”*

(João Cabral de Mello Neto, MORTE E VIDA SEVERINA)

Assinale a opção que aponta corretamente para o conflito social abordado neste poema: (1,0)

- a) Trata-se da questão da religiosidade da população sertaneja;
- b) Refere-se aos primeiros anos da República no Brasil, período em que se inicia o processo de concentração fundiária;
- c) Trata-se da luta histórica no Brasil pela reforma agrária;
- d) O poema faz referência apenas ao fenômeno social conhecido como Cangaço.

Assinalada a opção acima, e observadas as muitas cenas do filme que caracterizam a população sertaneja nordestina, **relacione** o fenômeno social apresentado pelo poema às condições históricas que contribuem para levar milhões dessas pessoas a buscarem saídas imediatistas, como o Messianismo liderado pelo Padre Cícero. (1,0)

---



---



---

6. O filme aborda cenas da cidade de Juazeiro do Norte em festa, em que aparecem estudantes em desfile pelas ruas empunhando cartazes alusivos ao Padre Cícero. Nesses cartazes são apresentados alguns dos cargos políticos ocupados pelo Padre Cícero, após auferir popularidade através de seus supostos milagres, e ganhar prestígio diante das oligarquias rurais da região do Crato.

Leia os textos abaixo.

Texto I:

*"Diante do meu charuto muito doutor de lei ficou menor do que um anão de circo de cavalinho"*

(Ponciano de Azeredo Furtado, personagem criado por José Candido de Carvalho, em O CORONEL E O LOBISOMEM.)

Texto II:

*"O Coronel nem sempre era um grande fazendeiro. Mas era um chefe político, de reconhecido poder econômico, que conseguira apoio e prestígio junto ao governo estadual, na razão direta de sua competência em garantir eleições situacionistas.*

*Portanto, o coronelismo não foi apenas uma extensão do poder privado, mas o reconhecimento da força de alguns mandatários pelo beneplácito do poder público."*

(JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. O Coronelismo, uma política de compromissos. 2ª Edição. Coleção Tudo é História. Brasiliense. 1981.)

Tomando como referência os textos anteriores e os cargos políticos exercidos por Padre Cícero, **identifique** o fenômeno político nele retratado e **explique** suas raízes e permanências. (1,0)

---



---



---



---



---



---

7. Partindo dos estudos feitos por Marc Ferro, em que se busca a possibilidade concreta de se associar História e Cinema, esse objeto de pesquisa pode ser muito mais revelador que uma série de documentos tradicionalmente reconhecidos como históricos. A partir das constatações de Ferro, **explique** como as cenas de arquivo histórico presentes no filme de Éscorel, em que Padre Cícero aparece rodeado por seus adoradores, são testemunhos vivos da credence dos populares aos milagres do “Santo Padre”. **Em que aspectos** essas cenas se eternizam como registro histórico de uma época? (2,0)

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## **Anexo 5: Tabelas dos dados coletados das respostas dos alunos**

### **Anexo 5.1: Perfil sócio-econômico dos alunos**

1. 24 alunos (totalizando 57,14%) com renda familiar acima de 20 Salários Mínimos (acima de R\$10.200,00), considerados pelo IBGE como da Classe A;
2. 15 alunos (totalizando 35,71%) com renda familiar entre 10 e 20 Salários Mínimos (de R\$5.100,00 até R\$10.200,00), considerados pelo IBGE como da Classe B;
3. 2 alunos (totalizando 4,76%) com renda familiar entre 4 e 10 Salários Mínimos (de R\$2.040,00 até R\$5.100,00), considerados pelo IBGE como da Classe C;
4. Apenas 1 aluno (totalizando 2,38%) com renda familiar entre 2 e 4 Salários Mínimos (de R\$1.020,00 até R\$2.040,00), classificado pelo IBGE como da Classe D.

### **Anexo 5.2: Alunos que possuem computador ou *laptop/notebook***

1. 42 alunos responderam que na residência tem computador ou laptop/notebook (100% dos alunos);
2. 32 alunos declararam que possuem computador ou laptop/notebook individualmente (76,19% dos alunos);
3. 10 alunos compartilham o computador ou laptop/notebook com irmãos ou pais (23,81% dos alunos).

### **Anexo 5.3: Periodicidade de utilização do computador**

1. 35 alunos utilizam o computador por, pelo menos, mais de 3 vezes por semana, o que representa um total de 83,33% dos alunos;
2. 4 alunos utilizam o computador por, pelo menos, três vezes por semana, representando 9,52% dos alunos;
3. 2 alunos utilizam o computador por, pelo menos, duas vezes por semana, o que representa 4,76% dos alunos;
4. Apenas 1 aluno respondeu utilizar-se do computador apenas uma vez por semana, o que representa 2,38% dos alunos pesquisados.

### **Anexo 5.4: Tempo diário de utilização do computador**

1. Apenas 4 alunos responderam que acessam o computador por, pelo menos, até meia hora, correspondendo a 9,52% dos pesquisados.
2. Um total de 11 alunos respondeu que acessa o computador por, pelo menos, até uma hora, correspondendo a 26,19% dos alunos pesquisados;
3. Ao todo, 9 dos alunos pesquisados responderam que acessam o computador por, pelo menos, até duas horas, correspondendo a 21,42% do total pesquisado;
4. Ao todo, 9 dos alunos pesquisados responderam que acessam o computador por, pelo menos, até três horas, correspondendo a 21,42% do total pesquisado;

5. Ao todo, 9 dos alunos pesquisados responderam que acessam o computador por, pelo menos, mais de três horas, correspondendo a 21,42% do total pesquisado.

#### Anexo 5.5: **Periodicidade de idas ao cinema**

1. Apenas 2 alunos, correspondendo a 4,76%, responderam que vão ao cinema, pelo menos, mais de quatro vezes ao mês;
2. Apenas 6 alunos, correspondendo a 14,28%, responderam que vão ao cinema, pelo menos, três vezes por mês;
3. Um total de 13 alunos, correspondendo a 30,95% do total pesquisado, vai ao cinema, pelo menos, duas vezes ao mês;
4. Um total de 11 alunos, correspondendo a 26,19% do total pesquisado, vai ao cinema, pelo menos, uma vez ao mês;
5. Um total de 9 alunos, correspondendo a 21,42%, respondeu que vai ao cinema de vez em quando, ou raramente.

#### Anexo 5.6: **Periodicidade de idas ao teatro**

1. Ao todo, 34 alunos entrevistados disseram que de vez em quando ou quase nunca costumam ir ao teatro, o que corresponde a 80,95% do total dos alunos;
2. Apenas 5 alunos responderam que costumam ir ao teatro, pelo menos, uma vez por mês, correspondendo a 11,90%;
3. Apenas 2 alunos responderam que costumam ir ao teatro, pelo menos, duas vezes ao mês, correspondendo a 4,76%;
4. Apenas 1 aluno respondeu que costuma ir, pelo menos, mais de duas vezes ao mês, correspondendo a 2,38%.

#### Anexo 6: **Rendimento dos alunos no Questionário proposto sobre a atividade.**

1. Nota 10,0: 9 alunos (21,42%);
2. Nota 9,0: 5 alunos (11,90%);
3. Nota 8,5: 5 alunos (11,90%);
4. Nota 8,0: 2 alunos (4,76%);
5. Nota 7,5: 5 alunos (11,90%);
6. Nota 7,0: 4 alunos (9,52%);
7. Nota 6,5: 6 alunos (14,28%);
8. Nota 5,5: 4 alunos (9,52%);
9. Nota 4,5: 1 alunos (2,38%);
10. Nota 4,0: 1 aluno (2,38%);

## Anexo 7: **Ficha técnica do filme**

**VISÃO DE JUAZEIRO.** 1969. Brasil. Colorido. 20 min. Direção de Eduardo Escorel. Fotografia de Jorge Bodansky. Som Direto de Hermano Penna. Mixagem de Carlos de La Riva. Letreiro de Ana Luisa Escorel. Produção de Thomaz Farcas. Laboratórios Kodak Fotóptica Líder Rex. Material de Arquivo cedido pelo INC.

O curta de Eduardo Escorel consegue reproduzir, com muita originalidade, a peregrinação e o fervor de centenas de romeiros e seguidores do Padre Cícero Romão Batista ao santuário localizado na cidade de Juazeiro do Norte, no sertão do Cariri, localizado no estado do Ceará. Suas câmeras conseguem captar a credence dos romeiros castigados pelas secas e pelo sistema injusto, então vigente em boa parte do sertão nordestino, desde o momento em que esses são transportados em caminhões pau-de-arara, rumo à Juazeiro, entoando seus cânticos religiosos.

A precariedade das acomodações dos romeiros contrasta com seus semblantes recheados de felicidades por estarem em Juazeiro do Norte. As lentes das câmeras registram essa rotina dos romeiros acomodando-se junto aos seus familiares, preparando suas refeições, descansando em suas redes em locais previamente preparados para esse fim. Várias outras cenas apresentam a religiosidade dos romeiros, merecendo destaque as cenas que reproduzem algumas entrevistas em que são relatados milagres alcançados pelos seguidores do Santo Padre.

O lucrativo comércio da fé, fundamental para a arrecadação da cidade, aparece em primeiro plano e ajuda a explicar a forma festiva com que os romeiros costumam ser recebidos na cidade e, apesar do sofrimento e das precárias condições sócio-econômicas desses romeiros, a aquisição de lembranças assume um caráter quase que obrigatório nas romarias.

O filme apresenta, também, algumas cenas de arquivo em que o Padre Cícero aparece rodeado por seus seguidores. Essas cenas funcionam como testemunhos vivos das credences dos populares nos milagres do Santo Padre. Cenas da cidade, antes de transformar-se num grande centro religioso e econômico, e já reconhecida como tal, também são apresentadas. Cenas de desfiles cívicos e de manifestações da cultura regional também são captadas pelas câmeras.

Um outro ponto alto do filme, também de demonstração da religiosidade e fé dos romeiros, e muito bem retratado e captado pelas câmeras ao longo do filme, refere-se ao romeiro que paga suas promessa subindo íngremes ladeiras que o conduzem à estátua de Padre Cícero, sempre acompanhado dos olhares atentos dos demais romeiros. É o coroamento da fé no Santo Padre.